

Revista Ave Maria

Ano 128 | Agosto 2026



QUEM CUIDA PRECISA DE CUIDADOS

O DESAFIO DOS PADRES PARA CUMPRIR O
MINISTÉRIO E MANTER A SAÚDE MENTAL

REPORTAGEM

Vote com consciência: um
compromisso com o bem comum

CONGRESSO VOCACIONAL

Comunidades Vocacionais:
encontro, testemunho e missão

DIA DOS PAIS

Honrar o Pai é
Honrar a Deus

Vestibular

2026.2



Graduação **Ead**

***Para a vida que
acontece agora***

**Flexível de
acordo
com a sua
rotina**



Claretiano 

Inscreva-se

claretiano.edu.br

NADA SEPARA A HUMANIDADE DO AMOR DE CRISTO

Agosto é um mês que se apresenta como uma espécie de itinerário de densidade teológica e antropológica, convidando à superação da inércia diante das crises contemporâneas, cada vez mais intensas e, de certo modo, assustadoras. É nessa perspectiva que podemos nos amparar na liturgia deste período, que não se limita ao rito, mas propõe uma análise crítica sobre a responsabilidade humana e a transcendência.

Exemplo disso é logo o início do mês, quando vemos a narrativa da multiplicação dos pães (cf. Mt 14,13-21), que desloca o eixo da expectativa passiva para a ação concreta. Ao ordenar “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), o ensinamento cristão estabelece que a solução para as mazelas sociais, como a fome e a desigualdade, não deve ser delegada exclusivamente a esferas burocráticas ou a poderes públicos, mas assumida como imperativo ético de cada indivíduo e comunidade.

Essa postura ativa exige, contudo, um discernimento que só o silêncio e a escuta permitem. Na experiência do profeta Elias, por exemplo, Deus não se manifesta no estrondo, mas no murmúrio de uma brisa ligeira (cf. 1Rs 19,12). Em um mundo saturado por ruídos (incluindo os digitais) e polarizações, a busca por esse silêncio torna-se um ato de resistência espiritual. É nesse ambiente de interioridade que se processa a transformação da mente, evitando o conformismo com as lógicas de exclusão deste mundo (cf. Rm 12,2). A transfiguração do Senhor (cf. Mt 17,1-9) reforça essa necessidade de elevar o olhar para compreender a realidade sob uma nova luz, ouvindo a voz que orienta o caminho (cf. Mt 17,5) e re-

cebendo o encorajamento para enfrentar as tempestades da história sem o paralisante temor (cf. Mt 17,7).

A figura de Maria, celebrada na Solenidade da Assunção (cf. Ap 12,1) e como rainha (cf. Lc 1,46-55), oferece a síntese dessa esperança. A assunção não é apenas um dogma de fé, mas a afirmação da dignidade do corpo humano como templo do Espírito, destinado à eternidade. Essa perspectiva eleva a importância do cuidado com a vida em todas as suas etapas. A persistência da mulher cananeia (cf. Mt 15,21-28) e a resiliência de Santa Mônica na oração pela conversão de Santo Agostinho exemplificam que a fé não é alienação, mas uma força histórica capaz de alterar destinos. O exemplo de São Maximiliano Kolbe, ao oferecer a vida por outrem, e o martírio de São João Batista (cf. Jo 12,24), ao denunciar o erro com a verdade, recordam que a integridade moral muitas vezes exige o sacrifício pessoal em favor do bem comum.

Ao fim desse ciclo, a profissão de fé de Pedro (cf. Mt 16,16) e a exortação à renúncia de si mesmo (cf. Mt 16,24) consolidam o compromisso cristão. A correção fraterna, exercida com caridade e a sós (cf. Mt 18,15), e o perdão sem limites (cf. Mt 18,22) são as ferramentas para a manutenção da unidade social e eclesial. É preciso reconhecer que a justiça do Reino subverte a lógica meritocrática humana, como ensina a parábola dos operários da vinha (cf. Mt 20,1-16). O mês de agosto culmina, portanto, com o chamado à vigilância das dez virgens (cf. Mt 25,1-13), instando a sociedade a manter acesa a chama das boas obras e do amor ao próximo (cf. Mt 22,37-39), pois nada poderá separar a humanidade do amor de Cristo (cf. Rm 8,35). ●



Ave Maria

128 anos

Notas Marianas

SINAL DA CRUZ

Fazemos o sinal da cruz para lembrar que fomos salvos pela cruz de Cristo (cf. 1Jo 3,5; 4,10) e batizados em nome do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19). É uma prática muito antiga da Igreja, pois já no século II Tertuliano recomendava: “Quando nos pomos a caminhar, quando saímos e entramos, quando nos vestimos, quando nos lavamos, quando iniciamos as refeições, quando vamos nos deitar, quando nos sentamos, nessas ocasiões e em todas as nossas demais atividades, persignamo-nos a testa com o sinal da cruz” (160-220 d.C.).

SUMÁRIO

**42****MATÉRIA DE CAPA****MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR****5** NOSSA SENHORA, A MÃE DA IGREJA**6** ESPAÇO DO LEITOR**REFLEXÃO BÍBLICA****8** JESUS, O EMANUEL: O CUMPRIMENTO DAS PROMESSAS**10** ACONTECE NA IGREJA**SANTO DO MÊS****14** SÃO PIO X**MÚSICA SACRA****16** A MÚSICA E O MUNDO INTERIOR**DIA DOS PAIS****18** HONRAR O PAI É HONRAR A DEUS**CONCÍLIO VATICANO II****20** LUMEN GENTIUM: A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A IGREJA**ESPECIAL ANO CORDIMARIANO****22** O CORAÇÃO DE MARIA, LUZ DA ESCUTA DA PALAVRA**RELÍQUIAS CATÓLICAS****30** AS VIRGENS DE SÃO LUCAS**LANÇAMENTO****32** TODINHO DE MARIA**REPORTAGEM****34** VOTE COM CONSCIÊNCIA: UM COMPROMISSO COM O BEM COMUM**IGREJA DIGITAL****38** COMO PRESERVAR VOZES E ROSTOS? O REGISTRO E O RESGATE DA MEMÓRIA PELA PASCOM**CRÔNICA****40** DEUS NOS CHAMA PELO NOME**SANTUÁRIOS BRASILEIROS****48** CATEDRAL DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE (PE)**50** PALAVRA DO PAPA**CATEQUESE****52** ERROS NO PROCESSO CATEQUÉTICO**DESCOMPLICANDO A FÉ CATÓLICA****54** VOCAÇÃO DESCOMPLICADA: O QUE DEUS QUER DE VOCÊ?**ESPIRITUALIDADE****56** EDUCAÇÃO E RELIGIÃO**CONGRESSO VOCACIONAL****58** COMUNIDADES VOCACIONAIS: ENCONTRO, TESTEMUNHO E MISSÃO**JUVENTUDE****60** DOMINAR OS IMPULSOS É CAMINHO SEGURO PARA NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO!**SAÚDE****62** VÍCIO EM TECNOLOGIA E SAÚDE MENTAL: COMO ENCONTRAR EQUILÍBRIO**RELAÇÕES FAMILIARES****64** FAMÍLIA, TORNA-TE AQUILO QUE É: SUPERANDO A MURMURAÇÃO E O VITIMISMO NAS RELAÇÕES FAMILIARES**VIVA MELHOR****66** COMO TER UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL MESMO COM UMA ROTINA CORRIDA**EVANGELIZAÇÃO****68** MISSÃO: TEMPO DE GRAÇA E CRESCIMENTO**70** SABOR & ARTE NA MESA**Ave Maria****Direção Administrativa**

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Luís Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaías Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

CorrespondênciasRua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP,
01226-000, revista@avemaria.com.br**Anúncios**Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br**Produção Editorial****Conselho Editorial**Álison Henrique Monte,
Isaías Silva Pinto, Pe. Luís Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdecio Toledo.

Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Godong Photo / Adobe Stock

f / revistaavemaria

t @ revistaavemaria

g revistaavemaria.com.br

NOSSA SENHORA, A MÃE DA IGREJA

♦ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ♦

A Virgem Maria foi declarada “Mãe da Igreja”. Essa declaração foi feita por São Paulo VI durante a celebração do Concílio Vaticano II. Segundo o Papa, Maria é a mãe da Igreja porque é mãe de todo o povo cristão, tanto dos fiéis como dos pastores. Convidou ainda que, por esse título, o povo prestasse a Maria uma melhor veneração.

A partir de então, muitas igrejas passaram a adotar o título de “Mãe da Igreja”. De fato, Maria desempenha um papel de mãe para com toda a Igreja. Essa verdade transparece em quatro aspectos ou quatro momentos da história da salvação:

1) Na encarnação do Verbo, Maria acolhe no coração imaculado o Filho de Deus e o concebe no seu seio virginal. Ao dar à luz Jesus Salvador, lança os fundamentos da Igreja;

2) Na paixão, Jesus, do alto da cruz, representando todos os cristãos, indica sua mãe Maria como nossa mãe: “Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse a ela: ‘Mulher, eis aí teu filho’. Depois disse ao discípulo: ‘Eis aí tua mãe’. E dessa hora em diante o discípulo a recebeu como sua mãe” (Jo 19,26-27);

3) No Pentecostes, dia da efusão do Espírito Santo, Maria se faz presente, une-se às preces dos discípulos para se tornar um exemplo da Igreja orante;

4) Na sua assunção, exaltada à glória do Céu, Maria é mãe porque acompanha com amor materno a Igreja peregrina e protege com bondade os seus passos para a pátria celeste até que chegue o dia da glorificação.

Como é bom saber que não estamos sós, como é bom saber que não estamos órfãos e que temos uma mãe que intercede por nós e nos estimula com seu exemplo de vida.●



Imagem: Estátua da Virgem Maria na igreja de São Jacó em Medjugorje, Bósnia e Herzegovina. - BDX / Wikipedia

Oração:

“Ó Maria, mãe da Igreja, mãe de Jesus e nossa, que ensinastes a Jesus a beleza do amor humano e aprendestes com Ele a grandeza do amor divino, intercedei por nós! Assim vos fizestes discípula de vosso Filho e Ele vos fez mãe da comunidade, mãe da Igreja! Olhai para nós, vossos filhos, nas horas de luz e de cruz.

Levai-nos ao coração de Jesus para que, com Ele, aprendamos a ser discípulos missionários. Olhai, intercedei por nós e caminhai conosco, ó mãe!”.

ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

♦ Da Redação ♦

Façamos uma pausa e coloquemo-nos na presença de Deus. Com fé e confiança, rezemos pelas vocações e por todos aqueles que dedicam a vida ao serviço do Reino:

“Senhor da Messe e Pastor do rebanho, faz ressoar em nossos ouvidos o teu forte e suave convite: ‘Vem e segue-me’. Derrama sobre nós o teu Espírito, para que Ele nos dê sabedoria para reconhecer o caminho e generosidade para seguir a tua voz. Senhor, que a messe não se perca por falta de operários. Desperta nossas comunidades para a missão. Ensina-nos a fazer da vida um serviço e fortalece aqueles que desejam dedicar-se ao Reino na vida consagrada e religiosa. Senhor, que o rebanho não pereça por falta de pastores. Sustenta a fidelidade de nossos bispos, padres, diáconos e ministros. Dá perseverança aos nossos seminaristas. Desperta o coração de nossos jovens para o ministério pastoral em tua Igreja. Senhor da Messe e Pastor do rebanho, chama-nos para o serviço do teu povo. Maria, Mãe da Igreja e modelo dos servidores do Evangelho, ajuda-nos a responder com o nosso ‘sim’. Amém”. ●



QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO

Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para

Rua Martim Francisco, 636, 29 andar,
Santa Cecília, São Paulo, CEP 01226-002

Linha Sazonais

• EDIÇÃO 2027 DISPONÍVEL! •



ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

Essa presença acompanha toda a narrativa de Mateus. Jesus ensina, cura, perdoa e anuncia o Reino de Deus como aquele em quem a ação divina se torna visível. Mesmo ao falar por parábolas, Mateus recorda que isso acontecia “para que se cumprisse o que fora anunciado pelo profeta” (Mt 13,35). Em Cristo, as Escrituras deixam de ser apenas memória antiga e tornam-se palavra viva que se realiza diante do povo.

Ao final do Evangelho, depois da ressurreição, a promessa do Emanuel reaparece com ainda mais força. Antes de enviar os discípulos em missão, Jesus declara: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). O Evangelho que começou anunciando “Deus conosco” termina reafirmando essa presença contínua. Cristo permanece junto de sua Igreja, sustentando seus discípulos e acompanhando a caminhada da humanidade.

Desse modo, Mateus convida cada leitor a reconhecer em Jesus a fidelidade de Deus às suas promessas. A fé cristã nasce da certeza de que Deus não abandonou seu povo, mas cumpriu aquilo que havia anunciado. Em Jesus Cristo, as promessas encontram rosto, voz e presença. O Emanuel continua caminhando com seu povo, iluminando a história humana com a esperança que vem de Deus. ●

Referências

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 2000.
MESTERS, Carlos. *Evangelho Segundo São Mateus*. São Paulo: Paulus, 1991.
RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005



IGREJA ACOMPANHA LUTA DOS GUARATIRAS PELO RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO TANARU

A criação do Parque Nacional do Tanaru, em Rondônia, busca preservar a área onde viveu o chamado “Índio do Buraco”, último sobrevivente de um povo indígena isolado vítima de décadas de violência, invasões e conflitos fundiários. Para os descendentes do povo guaratira, no entanto, a reparação histórica ainda não está completa.

As famílias afirmam que descendem dos antigos habitantes do território e reivindicam o reconhecimento oficial do povo guaratira, além da demarcação da Terra Indígena Tanaru. Segundo elas, a morte do indígena isolado, em 2022, não representa o desaparecimento da história, da identidade e dos vínculos culturais com a região.

O Parque Nacional do Tanaru foi apresentado pelo governo federal como uma medida de proteção ambiental e de preservação da memória dos povos que viveram na área. Em setembro de 2025, o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, homologou o plano de criação da unidade de conservação e reconheceu a iniciativa como uma forma de reparação pela violência sofrida pelos povos originários.

Apesar da importância da proteção ambiental, os guaratiras

afirmam que não foram consultados durante o processo de criação do parque. Eles defendem o direito de serem ouvidos, conforme estabelece a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que garante aos povos indígenas a consulta livre, prévia e informada sobre medidas que possam afetá-los.

Rosalina Guaratira conta que sua mãe nasceu e cresceu no território, mas precisou fugir ainda jovem por causa dos massacres, das doenças e das violências sofridas pela comunidade. Para ela, a dispersão das famílias não apagou os vínculos com seus antepassados.

“O povo tanaru não morreu. Nós somos descendentes do povo guaratira. O que pedimos ao governo brasileiro é o reconhecimento do nosso povo e a demarcação do território para garantir nossa proteção”, afirma.

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) acompanha as comunidades e reforça que o reconhecimento dos povos indígenas passa pelo respeito à identidade, à história e aos direitos territoriais. A missionária Irmã Laura Vicuña destaca que é necessário assegurar o direito de consulta, de existência e de proteção dessas populações.

Para o Conselho Indigenista Missionário, a criação de uma unidade de conservação não substitui o dever do Estado de reconhecer os povos que mantêm vínculos históricos e culturais com o território. A proteção da floresta e da memória deve caminhar junto com a escuta, o diálogo e a garantia dos direitos dos povos originários.●

Fonte: com informações de Vatican News



Imagem: Vatican News / Vatican Media



CONHEÇA DEZ AMIZADES FIÉIS DOS SANTOS PARA SE INSPIRAR

“Um amigo fiel não tem preço, e o seu valor é incalculável. É remédio que cura, e os que temem ao Senhor o encontrarão”, ensina o Livro do Eclesiástico (6-15-16).

Ao longo da história da Igreja, muitos santos encontraram na amizade uma fonte de apoio, crescimento espiritual e serviço ao próximo. Unidos pela fé e pelo amor a Deus, eles mostraram que uma amizade verdadeira pode gerar frutos de santidade. Conheça dez desses exemplos.

1. SÃO FRANCISCO E SANTA CLARA DE ASSIS

A amizade entre Francisco e Clara é uma das mais conhecidas da Igreja. Inspirada pelo testemunho do santo, Clara deixou sua casa para consagrar-se a Deus e, mais tarde, fundou a Ordem das Clarissas. Os dois permaneceram unidos pela oração, pela pobreza e pelo serviço aos necessitados. Quando Francisco adoeceu por causa dos estigmas, Clara ajudou a cuidar

dele. Antes de morrer, em 1226, o santo enviou-lhe uma mensagem de encorajamento para que permanecesse firme em sua vocação.

2. SÃO JOÃO PAULO II E SANTA TERESA DE CALCUTÁ

A amizade entre São João Paulo II e Santa Teresa de Calcutá foi marcada pelo amor aos pobres e pela defesa da dignidade humana. O Papa costumava chamá-la carinhosamente de “minha mãe”. A religiosa visitou o Vaticano diversas vezes e, em 1986, recebeu o pontífice no abrigo Nirmal Hriday, fundado por ela em Calcutá, na Índia. Santa Teresa descreveu aquele encontro como um dos dias mais felizes de sua vida.

3. SÃO VICENTE DE PAULO E SANTA LUÍSA DE MARILLAC

São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac encontraram na caridade o centro de sua missão. Vicente dedicava-se à evangelização dos pobres e à formação do



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade:
**um jeito diferente e alegre
para a sua Igreja e procissão!**

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para
mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005
✉ lrsds76@gmail.com



clero quando conheceu Luísa, uma viúva determinada a servir os necessitados. Juntos, fundaram, em 1633, a Companhia das Filhas da Caridade, congregação dedicada ao cuidado dos doentes, abandonados e mais vulneráveis.

4. SANTA TERESA DO MENINO JESUS E SANTA ELISABETE DA TRINDADE

As duas jovens carmelitas francesas partilhavam uma profunda espiritualidade e o desejo de viver em comunhão com Deus. Embora não tenham mantido uma amizade próxima como outras duplas desta lista, Santa Elisabete encontrou nos escritos e no testemunho de Santa Teresa de Lisieux uma importante inspiração espiritual. Ambas morreram jovens e deixaram ensinamentos que continuam conduzindo muitas pessoas a uma vida de oração e confiança em Deus.

5. SANTA ROSA E SÃO MARTINHO DE LIMA

Santa Rosa de Lima e São Martinho de Lima são dois dos santos mais conhecidos do Peru. Segundo a tradição foram batizados na mesma igreja e receberam a Crisma de Santo Toribio de Mogrovejo. Ligados à espiritualidade dominicana, cultivaram a amizade enquanto serviam os doentes, os pobres e as pessoas escravizadas. Suas vidas foram marcadas pela humildade, pela oração e pela caridade.

6. SANTO INÁCIO DE LOYOLA E SÃO FRANCISCO XAVIER

Inácio de Loyola e Francisco Xavier conheceram-se na Uni-

versidade de Paris. No início, Francisco não demonstrava grande simpatia por Inácio, que frequentemente lhe recordava as palavras de Jesus: “Que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mc 8,36). Com o tempo, Francisco fez os exercícios espirituais e uniu-se ao grupo que deu origem à Companhia de Jesus. Enquanto Inácio se tornou o primeiro superior-geral dos jesuítas, Francisco partiu em missão para a Índia e o Japão.

7. SANTA TERESA D'ÁVILA E SÃO JOÃO DA CRUZ

Santa Teresa d'Ávila conheceu São João da Cruz durante o processo de reforma da Ordem do Carmelo. Reconhecendo nele um homem de profunda oração, convidou-o a participar da renovação da vida carmelita. A amizade entre os dois foi sustentada pela espiritualidade, pelas dificuldades enfrentadas e pelo desejo de recuperar o carisma original do Carmelo. Suas obras tornaram-se referências da espiritualidade cristã.

8. SÃO JOÃO BOSCO E SÃO DOMINGOS SÁVIO

Domingos Sávio conheceu São João Bosco ainda adolescente e foi acolhido em seu oratório. Impressionado com a alegria e a profunda vida espiritual do jovem, Dom Bosco tornou-se seu educador e diretor espiritual. Domingos morreu em 1857, aos 14 anos, deixando um grande testemunho de santidade juve-

nil. Dois anos depois, Dom Bosco fundou a Congregação Salesiana.

9. SÃO CORNÉLIO E SÃO CIPRIANO

O Papa São Cornélio e o Bispo São Cipriano viveram em um período de perseguições e divisões na Igreja. Cornélio defendia que os cristãos arrependidos poderiam ser perdoados e novamente acolhidos pela comunidade. Cipriano apoiou o Papa nessa questão e manteve com ele uma forte comunhão de fé. Os dois foram martirizados: Cornélio morreu em 253 e Cipriano, cinco anos depois.

10. SANTAS PERPÉTUA E FELICIDADE

Perpétua era uma jovem mãe de família nobre, enquanto Felicidade era uma mulher escravizada. Presas por professarem a fé cristã, permaneceram juntas durante o sofrimento e o martírio. Felicidade deu à luz na prisão, pouco antes de ser morta. As duas receberam a Eucaristia e enfrentaram a morte juntas, no ano 203. A amizade e a coragem dessas santas tornaram-se um dos mais belos testemunhos da Igreja primitiva.

Essas histórias mostram que a amizade vivida em Deus pode fortalecer a vocação, sustentar nos momentos difíceis e transformar-se em caminho de santidade. Mais do que companheiros de jornada, esses santos ajudaram uns aos outros a permanecer fiéis ao Evangelho. ●

Fonte: com informações de ACI Digital

**O lar é o coração da família.
Cuide dele com Amor**



ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE-MARIA

21 DE AGOSTO



Imagem: Ernest Walter Histed / Wikipedia

SÃO PIO X, PAPA (1835-1914)

**“RECAPITULAR TODAS AS
COISAS EM CRISTO.” (EF 1,10)**

O conclave teve início em 1º de agosto de 1903. Nas primeiras votações, parecia certa a eleição do Cardeal Mariano Rampolla, secretário de Estado do falecido Papa Leão XIII. No entanto, o cardeal de Cracóvia comunicou o veto do imperador Francisco José, da Áustria, à sua candidatura.

Por sugestão do próprio Rampolla, os cardeais desistiram de elegê-lo e passaram a apoiar o patriarca de Veneza, Cardeal Giuseppe Sarto, conhecido pela santidade de vida, pela firmeza doutrinal e pela moderação nas questões sociais.

DA INFÂNCIA AO EPISCOPADO

Giuseppe Sarto nasceu em Riese, na região de Treviso, em 2 de junho de 1835. Era o segundo de dez filhos de uma família pobre. Com a ajuda de sacerdotes e do patriarca de Veneza, também natural de Riese, conseguiu estudar gratuitamente no seminário de Pádua.

Aos 17 anos, perdeu o pai, que trabalhava como funcionário público. As autoridades locais ofereceram-lhe o emprego paterno para que pudesse ajudar a família, mas sua mãe, Margarida, recusou a proposta. Mesmo trabalhando intensamente como costureira para sustentar os filhos, desejava que Giuseppe seguisse sua vocação sacerdotal.

Ordenado padre aos 23 anos, foi nomeado vigário paroquial em Tombolo, onde permaneceu por nove anos. Depois, tornou-se pároco em Salzano, exercendo o ministério por mais nove anos. Em 1875 foi transferido para Treviso, onde atuou como cônego, chanceler episcopal e diretor espiritual do seminário.

Cumpria suas responsabilidades com dedicação e competência. Frequentemente levava documentos para casa a fim de concluir o trabalho durante a noite. Sua proximidade com o povo e o cuidado especial com os pobres conquistaram a estima de todos. Após a morte do bispo local foi escolhido vigário capitular.

Em 1884, o Papa Leão XIII nomeou-o bispo de Mântua. A diocese atravessava um período difícil, tanto internamente quanto nas relações com o poder civil. Dom Giuseppe Sarto conseguiu pacificar os ânimos e promoveu uma profunda renovação da vida cristã.

Em 1893 foi criado cardeal e nomeado patriarca de Veneza. Precisou, porém, esperar vários meses para assumir a sede, pois o governo italiano reivindicava o direito de interferir na escolha do patriarca.

Em Veneza, dedicou-se especialmente à formação do clero, à catequese, à renovação da liturgia e à assistência aos pobres. Preocupava-se não apenas com a vida espiritual dos futuros sacerdotes, mas também com seus

estudos teológicos, bíblicos, litúrgicos, canônicos e sociais.

Nesse período, conheceu o jovem músico Lorenzo Perosi, cujo talento reconheceu e incentivou. Mais tarde, confiou-lhe a renovação do canto litúrgico em Veneza e, posteriormente, em Roma.

A vida religiosa do povo também ganhou novo vigor. Os adultos recebiam formação na fé, as crianças eram preparadas cuidadosamente para a Primeira Comunhão e a Crisma e as celebrações litúrgicas eram realizadas com dignidade.

O Cardeal Sarto vivia de maneira simples e generosa. Ao chegar a Veneza, recusou-se a mandar confeccionar novas vestes cardinalícias. Pediu que suas irmãs ajustassem as vestes usadas por seu antecessor, para que o dinheiro economizado fosse destinado aos pobres.

Amado pelo povo e reconhecido como um pastor zeloso ficou profundamente abalado quando seu nome começou a ser considerado no conclave. Entre lágrimas, pediu aos cardeais que não o elegessem, pois se julgava incapaz de assumir o pontificado. Seu pedido, porém, não foi atendido.

UM PAPA PASTOR

No Vaticano, Pio X manteve seu estilo de vida simples. Abandonou alguns costumes da corte pontifícia que considerava incompatíveis com a simplicidade evangélica. Deixou de usar o plural majestático, dispensou os aplausos tradicionais na Basílica de São Pedro e procurou manter contato direto com as pessoas.

Levou suas irmãs para Roma, oferecendo-lhes apenas um pequeno apartamento e uma renda suficiente para viver. Quando lhe perguntaram qual título nobiliárquico deveriam receber, respondeu que lhes bastava serem chamadas de “irmãs do Papa”. Nenhum de seus parentes recebeu privilégios durante o pontificado.

Uma de suas principais preocupações foi a formação sacerdotal. Nas regiões em que os bispos não possuíam recursos para manter seminários, promoveu a criação de seminários regionais sob a responsabilidade da Santa Sé. Também incentivou os estudos nas faculdades pontifícias e fundou o Pontifício Instituto Bíblico.

Na Exortação *Haerent Animo*, dirigida ao clero, apresentou orientações para a vida espiritual dos sacerdotes. O documento tornou-se uma importante referência para a formação nos seminários.

Pio X também promoveu uma ampla reforma litúrgica, contribuindo para a renovação da vida de oração da Igreja e preparando o caminho para reformas posteriores. Considerava a Missa dominical o centro da vida cristã, na qual os fiéis deveriam ser alimentados pela Palavra de Deus e pela Eucaristia.

Incentivou a Comunhão frequente e permitiu que as crianças devidamente preparadas recebessem a Eucaristia. Embora não pudesse visitar livremente as paróquias de Roma devido às tensões políticas da época, convidava semanalmente uma comunidade paroquial para ir à Basílica de São Pedro, onde explicava o Evangelho e celebrava a Missa.

Para favorecer a formação religiosa do povo, promoveu a elaboração do *Catecismo* que ficou conhecido por seu nome. Organizado em perguntas e respostas, o texto apresentava a doutrina católica de modo simples e acessível, permitindo que também as pessoas com pouca instrução pudessem compreendê-la e memorizá-la.

Realizou ainda uma reforma da Cúria Romana, distinguindo as funções administrativas das judiciais. Também criou comissões para preparar o novo *Código de direito canônico*, posteriormente promulgado,

em 1917, por seu sucessor, Bento XV. Nas relações com os governos, procurou limitar a interferência política na escolha dos bispos e impediu qualquer intervenção externa nos futuros conclaves.

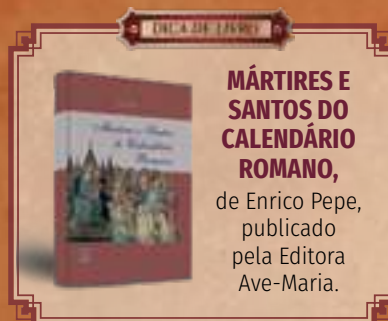
UM SANTO DIANTE DOS DESAFIOS DE SEU TEMPO

Embora sua santidade seja amplamente reconhecida, Pio X também foi um homem marcado pelo contexto histórico e eclesial em que viveu. Sua visão da Igreja refletia a compreensão predominante no início do século XX, fortemente baseada na distinção entre a hierarquia e os fiéis.

Nesse contexto, observou com grande preocupação o movimento conhecido como modernismo. Muitos membros da Igreja consideravam que algumas de suas propostas colocavam em risco a integridade da fé católica. Pio X combateu essas ideias com firmeza, embora esse enfrentamento tenha levado, em alguns casos, a excessos e perseguições contra pessoas que defendiam novas formas de reflexão teológica.

São Pio X morreu em 20 de agosto de 1914, profundamente abalado pelo início da Primeira Guerra Mundial. Procurou, sem sucesso, atuar como mediador para evitar o conflito.

Quando o embaixador da Áustria lhe pediu que abençoasse as tropas austro-húngaras que partiam para a guerra, o Papa recusou-se e respondeu com firmeza: “Eu abençoo a paz!”. ●



A MÚSICA E O MUNDO INTERIOR

♦ Ricardo Abrahão ♦

Tudo o que acontece em nossas vidas passa, obrigatoriamente, pelo nosso mundo interno. É por meio dele que sentimos a vida e o modo como nossas emoções são movimentadas. Eu vejo o mundo com os elementos que tenho dentro de mim. Conforme meu estado de espírito, os objetos da vida adquirem significados diversos; ou seja, o mesmo objeto é observado por pessoas diferentes, e as impressões são construídas de acordo com cada mundo individual.



**O Eu interior permanece
um grande mistério,
porque não sabemos o seu
tamanho, a sua profundidade
nem os detalhes desse
universo interno, tantas
vezes iluminado e tantas
vezes angustiado**



A música sempre teve um papel iluminador na humanidade: a capacidade de sublimar as circunstâncias mais difíceis. Os primeiros cristãos souberam muito bem fazer uso dessa ciência-arte como caminho para uma melhor assimilação da paz interior, da escuta consciente da Palavra que liberta e da capacidade de comunhão fraterna. Na liturgia católica, música e comunhão caminham juntas.

O músico católico tem a tarefa de proporcionar um conteúdo sonoro adequado para que a comunhão se realize e, acima de tudo, para que a voz interior possa ser trabalhada por meio do desejo de encontrar o Pai no coração. Deus foi apresentado por Jesus como Pai, e a música tem o papel fundamental de transformar a convivência humana em convivência fraterna.

Portanto, é feliz quem sabe aproveitar um elemento tão sensível, belo e capaz de iluminar a imensidão de um Eu que, se for bem acolhido, desenvolverá a luz interior, a qual proporciona o verdadeiro entendimento e o sentido do que é cantar o Canto Novo. Como dizia Santo Agostinho: “Quem canta reza duas vezes”. ●



Imagem: Magnific



Imagem:Artem Varnitsin / Adobe Stock

◆ Monsenhor Rivelino Nogueira* ◆

No Dia dos Pais, celebramos mais do que um presente ou um almoço em família. Celebramos um reflexo. Um reflexo do próprio coração de Deus. Porque, quando um pai cuida, ensina e guia, ele está participando da obra mais sublime que Deus confiou ao ser humano: gerar e educar filhos para a vida e para o Céu. Deus quis que a vida humana viesse ao mundo por meio do amor de um homem e de uma mulher. A paternidade não começou na terra. Ela nasceu no coração do Pai. “É dele que toda a família, no céu e na terra, tira o nome” (Ef 3,15).

Revista Ave Maria | Agosto, 2026 • 19

LUMEN GENTIUM: A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A IGREJA

♦ Prof. Lino Rampazzo* ♦



Imagem: Donatas Dabravskas / Adobe Stock

No artigo anterior, seguindo o programa do Papa Leão XIV que começou o ciclo de catequeses intitulado “O Concílio Vaticano II através de seus documentos”, examinamos brevemente a Constituição *Dei Verbum* sobre a divina revelação.

Neste artigo vamos apresentar, sempre sinteticamente, a Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja.

Esse documento é dividido nos seguintes oito capítulos: “O mistério da Igreja”, “O povo de Deus”, “A constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado”, “Os leigos”, “A vocação de todos à santidade na Igreja”, “Os religiosos”, “A índole escatológica da Igreja peregrina e a sua união com a Igreja celeste” e “A Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja”.

O Papa Leão XIV apresentou nas audiências-gerais a Constituição dogmática *Lumen Gentium* a partir do dia 18 de fevereiro até 13 de maio, todas as quartas-feiras. Todas elas estão disponibilizadas na *internet*. Aqui limitamo-nos a refletir sobre o primeiro capítulo do documento.

A expressão latina “*lumen gentium*” significa “luz do povos”. Quem é essa “luz”?

Encontramos a resposta no primeiro número do documento,

citado a seguir: “A luz dos povos é Cristo, por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf. Mc 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o Sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes esse dever da Igreja, para que desse modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo”.

Conforme acima citado, o primeiro capítulo tem como título “O mistério da Igreja”. A esse respeito o Papa Leão XIV assim falou na audiência do dia 18 de fevereiro: “Escolhendo este vocábulo, não quis dizer que a Igreja é algo obscuro ou incompreensível, como normalmente se pensa quando se ouve pronunciar a palavra ‘mistério’. Exatamente o contrário: com efeito, quando São Paulo usa essa palavra, especialmente na Carta aos Efésios, quer indicar uma realidade que antes estava escondida e agora foi revelada. Trata-se do desígnio de Deus, que tem uma finalidade: unificar todas as criaturas graças à ação reconciliadora de Jesus Cristo, ação que

se concretizou na sua morte na cruz”. Daí o primeiro capítulo da Constituição dogmática *Lumen Gentium* apresenta as etapas desse “mistério”: a vontade salvífica do Pai, a missão e obra do Filho: fundação da Igreja, o Espírito santificador e vivificador da Igreja, o Reino de Deus, as figuras da Igreja, a Igreja, corpo místico de Cristo e a Igreja, sociedade visível e espiritual.

Devido à brevidade do artigo, ressaltamos apenas quais são as “figuras da Igreja” apresentadas na Constituição dogmática *Lumen Gentium*.

A Igreja é o redil, cuja única porta e necessário pastor é Cristo (cf. Jo 10,1-10). E também o rebanho do qual o próprio Deus predisse que seria o pastor (cf. Is 40,11; Ez 34,11ss.). A Igreja é a agricultura ou o campo de Deus (cf. 1Cor 3,9). A Igreja é também muitas vezes chamada construção de Deus (cf. 1Cor 3,9), casa de Deus (cf. 1Tm 3,15), tabernáculo de Deus com os homens (cf. Ap 21,3); “templo santo”, “Jerusalém do alto” e “nossa mãe” (cf. Gl 4,26; Ap 12,17), “esposa imaculada do Cordeiro imaculado” (cf. Ap 19,7; 21,2.9; 22,17) e “corpo místico de Cristo” (cf. 1Cor 12,12).

Essas breves considerações apontam para a riqueza espiritual desse importante documento e espera-se que motivem a sua completa leitura. ●

***Prof. Lino Rampazzo** é doutor em Teologia e professor no curso de Teologia da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista (SP).



O CORAÇÃO DE MARIA, LUGAR DA ESCUTA DA PALAVRA

♦ Pe. Calmon Rodovalho Malta, CMF* ♦

Iniciemos esse percurso com uma questão: Como compreender a imagem do Coração de Maria como lugar da escuta da Palavra de Deus? Para responder a esse tema proponho um itinerário que leve em consideração o olhar para Maria como a mulher escolhida por Deus Pai e que em sua vida procurou escutar a voz de Deus em seu coração de serva. Ela que buscou viver e testemunhar elementos fundamentais, frutos da escuta da Palavra que a agraciou, tais como: o discipulado, a obediência e o amor que brota da Palavra.

Assim, no olhar atento e terno voltado à Mãe de Jesus e nossa sob o título do seu Imaculado Coração, tem-se a oportunidade de aprender dela o significado do discipulado, da fé madura e comprometida com o sim ofertado a Deus por meio do anjo Gabriel: “faça-se em mim, segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Maria Santíssima desde o início compreendeu esse modo de ser agraciado e por esse motivo se entregou por inteiro aos cuidados do Senhor. Ela soube escutar sua Palavra e se deixou guiar na vida e missão de discípula, serva obediente e mãe amorosa da Palavra e por isso, de certa forma, nos ensina a fazer o mesmo, pois também somos discípulos de Jesus Cristo.

Como discípulos missionários, todos, pelo batismo, são corresponsáveis pela construção do Reino dos céus. Um Reino de “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17). Como discípulos de Jesus, Verbo encarnado (Jo 1,14), nascido no seio da Virgem de Nazaré, os crentes assumem um modo de ser em sociedade que tem relação direta com a fé que professam. Uma relação ético-moral nascida das páginas do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja que se desdobra no cotidiano da vida social pelo testemunho.

O CORAÇÃO DE DISCÍPULA QUE ESCUTA

Sendo assim, a construção do Reino de Deus tem por base os ensinamentos do Evangelho de Cristo, tanto por palavras proferidas com autoridade e que chamavam atenção dos ouvintes (Mt 7,29), pois Ele mesmo é o fundamento (1Cor 3,11), a pedra angular (Ef 2,20) que direciona toda vida e comportamento de quem crê, como por sua *práxis* (prática) de vida junto aos seus, dando o exemplo de como deve se comportar àqueles que levam seu nome (Jo 13,13-14). É a partir desse olhar que desejo abordar o tema proposto: “O Coração de Maria, lugar da escuta da Palavra”. O Evangelho de Mateus apresenta uma sentença de Jesus para com seus discípulos no grande discurso do sermão da montanha, em que o Mestre de Nazaré deixa claro a seus ouvintes que “nem todo aquele que diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus” (Mt 7,21).

Quando Maria é interpelada pelo anjo que seria a mãe do Senhor, parece ter entendido que não fora apenas es-

colhida para uma função pontual nos planos de Deus. Parece que seu entendimento da grandiosidade da missão que acabara de receber, iria além do ser mãe biológica do Filho de Deus feito homem na graça do Espírito Santo. Ao dizer sim, estava se comprometendo em se tornar “serva do Senhor”, discípula, ouvinte da vontade de Deus. Estava se colocando aos cuidados de Deus e de todo seu projeto de salvação para a humanidade decaída pelo pecado de Eva (Gn 3,6).

Essa formação de pensamento que a Virgem começa a desenvolver, como se estivesse em uma longa escola de aprendizagem, fora possível porque Maria parou para escutar o anúncio angélico, a Palavra a ela dirigida. Escutar o que se desejava dela como escolhida pelo Criador. Escutar parece ser algo cada vez mais difícil em um mundo barulhento. O exemplo que ela dá é um gesto de atenção diante daquele que fala. O exercício da escuta ensina em primeiro lugar, o respeito. Em um diálogo entre pessoas, saber se posicionar é uma atitude respeitosa, transmitida no seio familiar e na escola dos relacionamentos socio-educacionais.



Imagem: Anunciação Por El Greco, no Museu do Prado, Madrid / Wikipedia

Quem não consegue escutar o outro tem dificuldade de compreender o assunto tratado. Sai atropelando a fala como se o outro não tivesse importância. Maria escuta tudo que o anjo diz e no momento certo, faz suas ponderações. Respeita e escuta a fala alheia com atenção, ternura e desejo de compreender a situação. No relacionamento com Deus, saber escutar é essencial. Como saber o que Ele deseja de nós, se somos incapazes de calar diante de sua Palavra?

Na oração, como lugar privilegiado de diálogo com Deus, exerce-se a escuta e a fala, pois, todo diálogo requer esses dois elementos estabelecidos como forma de relação saudável. Ao se colocar diante de Deus, por meio do anjo, Maria ensina como se deve comportar diante do sagrado, do transcendente, do Altíssimo. Ao mesmo tempo, ensina como se deve comportar uns para com os outros no trato social com irmãos, na família, na igreja, no trabalho etc. Ser discípulo implica entender o que Jesus deseja e espera dos seus. Sem esse entendimento corre-se o risco da deturpação da Palavra como fonte de inspiração e direcionamento correto para se chegar ao Reino proposto por Ele.

Nesse sentido, a busca pelo entendimento passa pela oração como lugar do encontro e do aprendizado como foi dito anteriormente. Anselm Grün afirma que “o encontro é um acontecimento que transforma aqueles que se encontram” (GRÜN, 2014, p. 24). De fato, no encontro da discípula escolhida com seu Senhor nota-se uma transformação positiva e permanente. É um acontecimento como afirma o autor. A aparição do anjo por si só é uma epifania impactante, reveladora e transformadora, um fato extraordinário, tudo que a oração faz e causa em quem se coloca nesse estado de contemplação.

Desta maneira, Maria não se corrompe pelo pecado da soberba, achando-se pronta e acabada porque fora escolhida por mãe de Jesus. Ela soube escutar, dia a dia, a vontade de Deus, de acordo com cada acontecimento e movimento histórico-cultural de sua época. Ela deixou-se conduzir pelo Espírito Santo que orava nela “cheia de graça”. Com seu coração de discípula, entendeu que seu ego, desejos e vontades deveriam ser colocados de lado em prol do projeto de Deus para a humanidade. Esse entendimento não fora adquirido exclusivamente por meio de uma graça especial (a ela foi dado o título de cheia de graça – Lc 1,28), de uma efusão do Espírito Santo, um dom sobrenatural.

Foi também, graças à sensibilidade de uma mulher que soube escutar a voz e a vontade do seu Senhor. Uma mulher que “pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação” (Lc 1,29), que procurou ouvir com atenção a proposta dirigida a ela, escolhida, “agraciada”. Por isso, ao se referir a Maria, a Igreja instrui que na vida pública de Jesus, Sua mãe aparece de uma maneira bem-marcada logo no princípio, quando, nas bodas de Caná, movida

de compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres. Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática (cf. Mc 3,35 e paralelos; Lc 11,27-28); coisa que ela fazia fielmente (cf. Lc 2,19 e 51). (LG, n. 58) A consciência da Virgem escolhida e aclamada “cheia de graça”, eleva cada um daqueles que escolhem uma vida em Cristo pelo batismo, à busca permanente da “escuta da Palavra de Deus”, como afirma o Concílio Vaticano II no texto acima.

Aqueles que buscam o exemplo de Nossa Senhora como modelo inspirador para sua relação com Deus são chamados a replicar em sua própria vida, a postura ética e coerente da Mãe do Senhor, principalmente no ato de obediência à vontade de Deus como discípulos que procuram escutar.

UM CORAÇÃO OBEDIENTE

Obedecer, de acordo com a raiz hebraica do termo, é um verbo ligado ao ato de ouvir e tem como significado “ouvir a expressão da vontade de outrem, corresponder a ela e executá-la” (BAUER, 1983, p. 759). Está ligado, segundo esse modo de pensar, a uma relação de alteridade e reconhecimento de um valor maior, exposto e proposto por alguém em vista de um bem superior, tanto do indivíduo como da coletividade. É uma ação contrária ao egocentrismo. Desse modo, pode-se dizer que a obediência é uma virtude que derrota a maledicência do pecado humano, principalmente da vaidade egoísta.

Na vivência dessa virtude, a Mãe do Senhor é exemplo fidedigno de humildade, uma vez que depois do anúncio angélico, saiu para ajudar sua prima Isabel no sexto mês de sua gestação. Ela pratica, a partir da ternura do seu coração de discípula e serva, a obediente Palavra de Deus,



Imagem: A Anunciação da Virgem de Carlo Crivelli, século XV / Wikipedia

colocando-a em exercício (cf. Lc 1,39-45). Não apenas cumpre uma ordem, mas, acima de tudo, escuta a voz do Senhor que lhe fala ao coração de serva. Para o cristão, ouvir a Deus é o caminho irrefutável para se realizar sua vontade na vida. Não se pode querer ser de Deus, se consagrar a Ele, dizer-se discípulo de Cristo, levar o nome de cristão, se não se está disposto a ouvi-lo e pôr em prática seus ensinamentos.

O próprio Jesus ensina a seus discípulos: “nem todo aquele que me diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7,21). Nesse contexto, Santo Tomás de Aquino afirma que “como toda virtude, [a obediência] exige que a vontade esteja pronta para o seu objeto próprio, mas não para aquilo que lhe é repugnante” (STh, II-II, q. 104, art. 2), ou seja, por meio dessa virtude, orienta-se a vontade para uma finalidade que vai além do desejado, sonhado ou almejado. Coloca-se um sentido, um significado superior ao necessário e imputado a cada um de forma particular. Por essa virtude, deixa-se em segundo plano o “eu” para que a vontade de Deus fale de forma coletiva na vida da Igreja e em sociedade. Nesse aspecto, Nossa Senhora deu testemunho indiscutível colocando-se em segundo plano sua

própria vida, para que a vontade de Deus jazesse em primeiro lugar.

Observando o exemplo de Maria, entende-se o quanto essa mulher foi capaz de mergulhar na vida divina. Ela compreendeu que ao dizer “sim”, toda sua vida se preenchia de sentido. A sensibilidade da mãe do Senhor em deixar-se conduzir pelo Espírito Santo, torna-se para a Igreja e para todo o mundo cristão, exemplo moral de compromisso e fé na palavra que salva.

Essa Palavra, à luz da história, pavimenta, orienta e compromete aqueles que se colocam a serviço de Cristo em vista de um bem maior: o Reino dos Céus e do cuidado de uns para outros de modo especial com os mais necessitados. Ao olhar para a imagem de Maria como serva obediente de Deus, não se pode deixar de perceber que, ao longo da história da salvação, Deus fala a seu povo e pede para escutá-Lo como sinal de obediência e fidelidade.

Desse modo, convém recordar de como Abraão, considerado o pai da fé, na prontidão de sua vida, foi obediente ao Senhor (Gn 12); Noé, que mesmo considerado por seus compatriotas louco, por construir uma arca, continuou fiel a vontade de Deus de modo incondicional (Gn 6); lembremos de Moisés que liderando a libertação dos hebreus em nome de Deus, fora obediente e submisso ao Senhor (Ex 3; 14; 19 e 40); de Daniel que não renegou ao seu Deus, mesmo sendo jogado na cova dos leões (Dn 6) ou ainda de Rute que obedecendo a sua sogra manteve-se fiel e confiante nos mistérios de Deus em meio ao sofrimento (Rute 1- 4) e tantas outras personagens do Antigo Testamento, sem mencionar o Novo Testamento.

Fato é que Deus ao longo da história da salvação não apenas fala com seu povo, mas os chama a ouvi-lo e esta atitude marca o povo eleito e posteriormente os que serão chamados de cristãos, povo da nova aliança.

ça pelo batismo. Neste caminho de entendimento, faz-se interessante a observação de quando se lê no livro do Deuteronômio a célebre frase do Senhor para Israel: “Ouve, Israel...”, nota-se que é a vontade de Deus que deve ser executada como sinal autêntico de fidelidade e responsabilidade para com Ele. Assim, descreve o texto bíblico: 4Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. 5Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. * 6Os mandamentos que hoje te dou serão gravados no teu coração. 7Tu os inculcarás a teus filhos e deles falarás, seja sentado em tua casa, seja andando pelo caminho, ao te deitares e ao te levatares. (Dt 6,4-7). O texto evidencia a relação entre “ouvir” e “obedecer”. Só é possível uma atitude de obediência consciente quando se escuta com o coração e não somente com os ouvidos.

Só obedece aquele que escuta! Que se cala diante do mistério, do transcendente, do Altíssimo; aquele procura a voz terna de Deus que fala à alma, ao coração. Fora disso, evidencia-se o egocêntrico desobediente, que procura ancorar-se no nome de Deus, mas não deseja vivenciar seus ensinamentos. É o desobediente que age olhando para si abandonando as orientações do Senhor como se fosse algo irrelevante diante da sua vontade pessoal. Maria não foi assim, pelo contrário soube escutar buscando a Verdade. O contrário da obediência é a desobediência e a Bíblia exemplifica com a história de Eva e Adão na criação. O livro do Gênesis conta como Eva, levada pela astúcia da serpente, se deixou tomar pela vaidade e pelo desejo de ver além daquilo que Deus lhe havia ordenado, solicitado (Gn 3).

Ao ouvir a serpente e desobedecer a Deus, cai no pecado e leva consigo Adão. Os filhos criados pelo amor generoso do Criador, perdem a possibilidade de uma vida plena na

graça, por causa da desorientação dos próprios desejos e vontades. Preferiram ouvir e obedecer ao tentador, em vez de seu Criador o que gerou uma consequência pecaminosa, o afastamento da presença de Deus. Um distanciamento sombrio que reverbera em toda a história da criação. Assim, se pela desobediência de Eva a morte do pecado veio ao mundo, por Maria, Deus quis que a salvação chegasse até nós, em Jesus Cristo, Verbo feito carne (cf. Lc 1,26-38; Jo 1,14). Sua obediência restabelece o laço perdido por Eva (cf. LG, n.56).

A confiança de que é possível sim, mesmo que difícil, ser fiel ao Senhor. Maria Santíssima, é o exemplo imaculado dessa fidelidade. É interes-

sante observar como o Evangelho apresenta a figura da Virgem Maria. A mulher do sim, a mãe do Senhor, do serviço, a discípula. Ela não vem em evidência, não é o astro das cenas bíblicas. Aparece em pouquíssimos trechos da Escritura porque não é ela a protagonista do enredo, é Jesus o salvador. Ela jaz no silêncio de quem aprendeu a ouvir, o que na prática pastoral deveria ser aprendido com ela por agentes e pastores.

Nas bodas de Caná, está atenta ao movimento dos serviços do casamento e percebe a agonia pela falta do vinho. Sua intervenção junto a Jesus se dá pela convicção de que Ele não apenas pode ajudar no embaraço do momento, mas acima de tudo, pode



Imagem: Biblioteca Municipal de Stanislas, Nancy / Wikipedia

tudo sem dificuldades, pois tudo na vida procede do ordenamento divino. Ela acredita e chama outros a acreditar: “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). A escuta da Palavra tem essa força extraordinária, escutar e ajudar outros a fazer o mesmo, pois a Palavra é transformadora como foi o exemplo de fé da Mãe de Jesus na festa de casamento. São João Paulo II fala sobre o acontecimento de Caná dizendo que a partir da descrição dos fatos de Caná, esboça-se aquilo que se manifesta concretamente essa maternidade nova, segundo o espírito e não somente segundo a carne, ou seja, a solicitude de Maria pelos homens, o seu ir ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades. [...] Maria põe-se de permeio entre seu filho e os homens na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos (RM, n. 21).

Essa consciência obediente de Maria, aponta para o ato de fé no Filho amado. Ela sabia que aquele momento não era a hora do Filho se apresentar ao mundo como “O Messias salvador”, mas não poderia ficar passiva, inerte ou como espectadora diante da situação constrangedora dos noivos perante seus convidados. Obedecer é comprometer-se com a realidade que circunda a vida, o dia a dia, em vista do bem comum. Vai além da letra da

lei, do executar ordens e obrigações, é uma expressão do cuidado de Deus para com seus filhos e filhas, pois reflete a fé feita obras.

Desse modo, pode-se afirmar que “a Mãe de Cristo se apresenta diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho. [...] Graças à intercessão de Maria e à obediência dos servos, Jesus dá início a ‘sua hora’” (RM, n. 21) e assim, cuida daquele momento festivo de Caná, oferecendo “o vinho melhor” da alegria salvadora de Deus aos presentes. Tudo isso foi possível porque Maria é mãe amorosa atenta aos acontecimentos que envolvem seus filhos e filhas no dia a dia.

MARIA, UMA MÃE AMOROSA DA PALAVRA DE DEUS

A escuta da Palavra é caminho seguro para a ternura de Deus, pela intercessão amorosa da Mãe junto ao Filho Salvador, mediador único uma vez que “há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo” (1Tm 2,5).

Assim, todo filho exerce um carinho especial para com sua mãe. Ela é o berço perpétuo de segurança, o abraço terno e voz poderosa em meio ao barulho do mundo. Talvez por isso o próprio Deus desejou que Seu Filho amado passasse pela experiência humana da relação filial, pois, o amor de mãe é sempre cura-

tivo. Ao lançar um olhar para Maria, não se pode deixar de olhar para seu coração materno. O Coração de Maria é o lugar seguro da ternura colocada em ação para com aqueles que buscam em Jesus Cristo o alívio de suas angústias. Mostrando seu coração à humanidade, a mãe do Senhor revela seu desejo de presença e cuidado. A imagem do coração é, em muitas culturas, o símbolo do amor, do carinho como expõe o papa Francisco no capítulo um da encíclica **Dilexit nos**. Em Maria, amor e carinho são gestos de proximidade e atenção maternos. De orientação e formação para a vida de fé e vida social. Ela é mãe formadora de discípulos que escutam e põem em prática a vontade de Jesus Cristo. O Evangelho de Lucas narra a anunciação do nascimento de Jesus, partindo do pressuposto da escolha de Maria como mãe (Lc 1,26-56). O texto do evangelista pode ser dividido em dois momentos importantes: o primeiro da anunciação do anjo (v. 26-38), o segundo do encontro com Isabel (v. 39-56). Para alguém de uma exegese bíblica, olhemos de modo geral alguns aspectos da narrativa de Lucas.

No primeiro trecho, a busca pela compreensão dos acontecimentos de Deus na vida faz Maria questionar o anjo, não na escolha, mas na execução da vontade salvífica, uma vez que era virgem: “como se fará isso, pois não conheço homem algum?” (v. 34). A pergunta é legítima e demonstra o nível de seu comprometimento com a vontade de Deus. Entende que sua resposta gerará uma onda de impacto presente e futuro na história. Por mais que não tivesse a dimensão de seu alcance, ela sabia que sua resposta seria um marco divisor em sua vida e na vida de todos a partir daquele momento. Depois de todo um diálogo de apresentação e exaltação daquela mulher como “cheia de graça”, ela escuta com



Imagem: Imagem da Virgem Divina Pastora de Triana / Adobe Stock

atenção a Palavra a ela direcionada. Sua resposta, seu “sim” é dado depois da atenção à escuta. Maria ensina que fazer a vontade de Deus não é uma brincadeira, um gesto pontual e transitório, pelo contrário, é algo sério que merece atenção, respeito e fé.

A atenção à voz do anjo, palavra audível a seus ouvidos, merece deferência. Ouvir com zelo para responder com prontidão requer dos discípulos de Cristo discernimento e sabedoria constantes no Espírito Santo. O Concílio Vaticano II chama atenção de seus pastores, pregadores e povo fiel, da necessidade de “se consagrarem legitimamente ao ministério da palavra, mantendo um contato íntimo com as Escrituras, mediante a leitura assídua e o estudo aturado, a fim de que nenhum deles se torne ‘pregador vão e superficial da Palavra de Deus por não a ouvir de dentro’” (DV, n. 25). Isso implica dizer que o ouvir a Palavra se dá na relação de intimidade e profundidade do coração. É um movimento de dentro para fora, como uma força transformadora capaz de mudar o interior e fazer refletir de forma autêntica as ações exteriores de cada pessoa. A isso chamamos de testemunho.

Na narrativa bíblica e na ação mediadora da Igreja, a Palavra é caminho de salvação. Elo entre a humanidade e a divindade. Entre Deus e os seres humanos. João afirma que o “Verbo se fez carne” (1,14), ou seja, a Palavra que é o Cristo Jesus, se coloca entre Criador e criatura pelo ventre de Maria. Faz-se ponte de religião dos filhos caídos pelo pecado e a misericórdia divina. Desse modo, o Coração de Maria como intercessora entre os filhos e Cristo, convida-nos a uma atenção amorosa para com a Palavra de Deus. Foi pela palavra que anjo Gabriel deu a conhecer o desejo de Deus para com Maria; por ela, a Mãe do



Imagem: aruizhu / Adobe Stock

Senhor se colocou a caminho para ajudar Isabel; pela palavra o anjo instruiu José no cuidado para com a mãe e o Filho diante das ameaças recorrentes de Herodes; pela escuta da palavra Maria é orientada quanto ao sofrimento futuro do Menino e de si própria pelo velho Simeão. Em todos estes casos e em inúmeros outros, é a força da palavra que move o Coração da Mãe em sua fidelidade a seu sim a Deus e a seu Filho Jesus.

A fé da Mãe de Deus é uma rocha inabalável, pois sua resposta ao anjo é recorrente em seu coração: “faça-se em mim, segundo a tua palavra” (Lc 1,38). A Igreja ensina que, Deus, ao mistério da Redenção” (CIC, n. 494). 2 dando à Palavra de Deus o seu consentimento, Maria se tornou Mãe de Jesus e, abraçando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina de salvação, entregou-se ela mesma totalmente à pessoa e à obra de seu Filho, para servir, na dependência dele e com Ele, pela graça de É interessante ver que o consentimento da mãe do Senhor leva a um discípulo do Filho.

Ela não se faz deusa, a partir do poder de Deus em sua vida. Ela se faz discípula por entender que toda ação do Espírito Santo sobre ela, toda graça tem uma finalidade maior que as coisas do mundo transitório. O dogma da Igreja no sagrado Concílio Vaticano II assim define: “Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cf. 2 Cor. 1,20; 3,16-4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado com fidelidade, tanto pelos Apóstolos que, na sua pregação oral, exemplos e instituições, transmitiram aquilo que tinham recebido dos lábios, trato e obras de Cristo, e o que tinham aprendido por inspiração do Espírito Santo, como por aqueles Apóstolos e varões apostólicos que, sob a inspiração do mesmo Espírito Santo, escreveram a mensagem da salvação.

Porém, para que o Evangelho fosse perenemente conservado íntegro e vivo na Igreja, os Apóstolos deixaram os Bispos como seus sucessores, «entregando-lhes o seu próprio ofício de magistério» (3). Portanto, esta sagrada Tradição e a Sagrada Escritura dos dois Testamentos são como um espelho no qual a Igreja peregrina na terra contempla a Deus, de quem tudo recebe, até ser conduzida a vê-lo face a face tal qual Ele é (cf. 1 Jo. 3,2)” (DV, n. 7).

A escuta da Palavra quando vivida na verdade e compreendida na fé, busca o discernimento seguro e autêntico por meio da Igreja, levando

à santificação e ao Reino de Deus. Como serva da Palavra, Verbo feito carne, Maria é exemplo de fidelidade apostólica a Jesus, mesmo antes de Seu nascimento. Ao aceitar as palavras do anjo, aceita a missão de acolhedora do Verbo Divino. Como Mãe e discípula, coloca em hierarquia de importância o discipulado da “serva do Senhor” (Lc 1,38), mais do que a missão de mãe.

O Papa Leão XIV, na nota doutrinal sobre os títulos marianos, expressa-se assim: Ela é ‘a primeira discípula, aquela que melhor aprendeu as coisas de Jesus’ Maria é a primeira daqueles que ‘escutam a Palavra de Deus e a põem em prática’ (Lc 11,28); é a primeira a colocar-se entre os humildes e pobres do Senhor para nos ensinar a esperar e receber, com confiança, a salvação que vem apenas de Deus. Deste modo, Maria ‘tornava-se, em certo sentido, a primeira “discípula” do seu Filho, a primeira a quem ele parecia dizer: “Segue-me”, mesmo antes de dirigir este chamamento aos Apóstolos ou a quaisquer outros (cf. Jo 1,43)’. (MPf, n. 75) Como discípula e serva, o testemunho da Virgem emana da Palavra que é o próprio Filho. Toda sua vida está voltada e tem sentido se orienta ao Cristo Salvador.

O papa Paulo VI afirmava: “na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente dele” (MC, n. 25). Não é possível amar, louvar, seguir o exemplo, suplicar a intercessão, aprender da Imaculada Virgem, se o fim último de nossa oração e confiança não for o próprio Jesus Cristo. Maria ensina isso em Caná da Galileia ao dizer “fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Isso, como já dito, é um ensinamento direcional, orientativo e não um ato momentâneo. Tudo em Maria se direciona e direciona para Jesus. Desse modo, aprender de Maria a escutar a Palavra é dei-

xar-se configurar a ela. A Palavra de Deus é o caminho reto que leva a uma prática de fé autêntica e segura. Jesus ensinou aos seus discípulos a respeito do Reino de Deus, falou em parábolas, mostrou com sinais a presença salvadora de Deus. Assim, ao ensinar, levou cada uma das pessoas, inclusive sua mãe, a enxergar um Reino completamente diferente daquele que estava diante de seus olhos.

A Palavra transmitida entrava pelos ouvidos, mexia com a imaginação, modificava a consciência e fecundava o coração como uma cachoeira a derramar água transparente e fresca em um lago aberto e profundo. O papa Francisco assim ensinou a esse respeito: O Reino, já presente e crescente entre nós, nos envolve em todos os níveis do nosso ser e nos recorda o princípio do discernimento que o Papa Paulo VI aplicou ao verdadeiro desenvolvimento: ele deve dirigir-se a “todos os homens e ao homem por inteiro” (EG, n. 181) Ao escutar a Palavra de Deus ao longo de toda sua vida, parece-nos que Maria foi aprendendo, a cada etapa existencial, a adaptar-se às circunstâncias: primeiro ouve a voz do anjo Gabriel (Lc 1,28.30-33); segundo ouve o louvor de sua prima Isabel (Lc 1,42-43.45); terceiro no nascimento de Jesus (Lc 2,10-12); depois na apresentação no templo (Lc 2,34-35); no episódio de Jerusalém aos doze anos (Lc 2,49); nas bodas de Caná (Jo 2,1-12); provavelmente quando Jesus proferiu o grande sermão da planície (Lc 6,20-49; Mt 5-7); enquanto estava na Galileia ela ouviu palavras fortes de Jesus (Lc 8,19-21); durante sua vida pública, acompanha em silêncio a missão do Filho na viagem a Jerusalém (Lc 9,51-19,28); durante o lava-pés escuta as palavras e vê a cena com atenção (Jo 13,1-20).

Nesse caminho, como discípula, deve ter escutado as palavras de des-

pedida do Filho (Jo 13,31-38); mais que escutar, viveu a angústia da paixão de Jesus, no silêncio obediente da fé (Mc 14-15); ouviu as últimas palavras do Filho crucificado (Jo 19,26); ouviu o silêncio de Deus na morte do Filho amado (Jo 19,38-42); sem sombra de dúvida ela escuta os rumores das aparições do ressuscitado (Mt 28; Mc 16; Lc 24; Jo 20-21) na alegria, ouve do próprio Filho Ressuscitado que aquele grupo que ele formou ao longo do tempo, sua Igreja, receberá o Espírito Santo (At 1,8). Maria, como no princípio de toda sua vida, depois de ser fiel à Palavra ao longo do tempo, recebe o Espírito Santo junto com os Apóstolos, como discípula fiel, serva e modelo de testemunha de Cristo Jesus (At 1,14; 2,1-13). Daí em diante, acompanha o florescer da Igreja na intercessão pelos filhos de Deus até os dias de hoje.

Do mesmo modo, “a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, torna-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da Palavra de Deus” (LG, n. 64). E assim, olhando e aprendendo do Coração de Maria como lugar da escuta da Palavra, também nós, seus filhos e filhas, devemos obediência, serviço e comportamento de discípulos para bem testemunhar os méritos de Jesus e levar com verdade o nome de cristãos. Diante de tantos barulhos no mundo de hoje, nunca nos esqueçamos que, para nós católicos, três elementos orientam nossa escuta doutrinal de fé: “as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério da Igreja” (CIC, n. 81 e 85; DV, n. 10), sem eles não vamos a lugar algum, a não ser a nosso próprio egoísmo.

Como diria Santo Antônio Maria Claret: o egoísmo “procura com todo empenho, a independência de toda a autoridade divina e humana; conspira e maquina a insubordina-



ção, a rebelião e a liberdade – como ele próprio apelida -, que, porém, não é outra coisa senão licença para fazer o que lhe dita o seu capricho” (*Escritos Espirituais*, 2024, p. 543).

Para o cristão, a busca pela Verdade no amor a Deus e ao próximo, deve levar a uma viva esperança de transformação da realidade do mundo, à luz da escuta da Palavra de Deus. Como uma palavra que incendeia o coração, assim “à memória dos fiéis, como a de Maria, deve transbordar das maravilhas realizadas por Deus. Seus corações,

[...], perceberão que cada palavra das Escrituras é uma dádiva antes de ser uma exigência” (EG, n. 142). Percorrido o caminho de meditação e observação de Maria, sob o título de Imaculado Coração como lugar da escuta da Palavra, propus um olhar baseado em três aspectos – dos inúmeros que podem ser abordados sobre a Mãe do Senhor – para nossa reflexão: o discipulado, a obediência e o amor que nasce da Palavra.

Vimos que a Mãe de Deus nos testemunha com o silêncio de sua vida, como ser discípulos(as) missionários de seu Filho Jesus e como devemos responder ao chamado de Deus, na prontidão do acolhimento de sua Palavra. Acolher a palavra do Senhor é um ato livre que deve nos levar a compreensão de que somos responsáveis pelas mudanças em nosso meio, sociais e religiosas, mediante as escolhas que fazemos, reguladas nas Escrituras como fonte e instrumento de orientação e salvação, junto com a Tradição e o Magistério da Igreja, porto seguro de nossa fé.

Maria Santíssima nos ensina, de certa forma, que na vida cristã, não basta ouvir a palavra, ler as Escrituras, frequentar o templo, é necessário pôr em prática a vontade Daquele que nos chama à santidade de vida. Pela escuta/leitura diária da Palavra de Deus somos moldados segundo sua vontade e isso nos ajuda a modificar nossa forma de pensar e viver em sociedade. Para que nosso mundo seja melhor, é preciso melhorar nosso testemunho cristão e católico no mundo ainda mais especialmente em tempos de irracionalidade egoísta que gera guerras, desigualdade, violência e agressões, seja em escala global ou mesmo no seio familiar e na própria Igreja. Nosso testemunho pode ser uma luz poderosa em meio à escuridão dos conflitos. Cuidemos, pois a Santíssima Virgem, sob o título de

seu Imaculado Coração nos deu o exemplo de fidelidade e escuta da Palavra que se fez carne e habitou entre nós. ●

Referências

- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980. v. 6, p. 2838. (STh, II-II, q. 104, art. 2).
- BAUER, Johannes B. *Dicionário de teologia bíblica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1983. v. 2, p. 759.
- BÍBLIA SAGRADA AVE-MARIA. *Bíblia Sagrada Ave-Maria: edição de estudos*. São Paulo: Ave-Maria, 2011.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave-Maria, 1993.
- CLARET, Antônio Maria. *Escritos espirituais*. Barcelona: Editorial Claret; São Paulo: Claret Publishing Group, 2024.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Dei Verbum*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Mater Populi fidelis: nota doutrinal sobre alguns títulos marianos referidos à cooperação de Maria na obra da salvação*. Vaticano, 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dff_doc_20251104_mater-populi-fidelis_po.html. Acesso em: 10 mar. 2026.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2019.
- GRÜN, Anselm. *A oração como encontro*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- JOÃO PAULO II. *Redemptoris Mater*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- PAULO VI. *Marialis Cultus*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2016. v. 2. (Coleção Theotókos).

*Pe. Calmon Rodovalho Malta,

CMF é Missionário claretiano. Mestre em Teologia Sistemática e membro do Grupo de Pesquisa Fé e Contemporaneidade da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte. Autor do livro *Mundanismo Espiritual: a denúncia de Francisco e o caminho de superação*, publicado pela Editora Ave-Maria. Vigário da Basílica Imaculado Coração de Maria, no Rio de Janeiro (RJ).

AS VIRGENS DE SÃO LUCAS

◆ Pe. Reinaldo Bento* ◆

Muitas vezes não é tão simples encontrar os fatos que envolvem uma história, ainda que busquemos documentos ou fatos científicos em imagens que carregam com seu simbolismo uma história. Assim, ao tratarmos dos ícones atribuídos a São Lucas, se realmente são originais ou réplicas, não podemos afirmar com certeza histórica, porém, essa piedosa origem formou devoções que marcaram e marcam em nossos dias a história da Igreja e se tornaram verdadeiras relíquias, ainda que não se possam provar origens apostólicas. A Igreja distingue a sagrada tradição e a tradição de uma história. Enquanto a sagrada tradição é a transmissão da Palavra viva de Deus e sua revelação, a tradição religiosa está ligada a ela mas não possui a infalibilidade.

Ícones sagrados são portadores da sagrada tradição em sua iconografia, mas muitas vezes possuem uma piedosa tradição quanto à sua origem. A veneração dessas imagens é atestada na era patrística. Em um movimento iconoclasta no século VII, originado possivel-

mente por influência do surgimento do Islã e sua influência intelectual, foram destruídos testemunhos antigos da veneração cristã, por isso, fora a tradição, perdemos muitos testemunhos históricos que poderiam ser provas das histórias que a seguir apresentaremos.

Antigos relatos contam que São Lucas, além de médico, pintou imagens da Virgem (se não pintou com cores, com certeza “pintou” a imagem da Virgem escrevendo em seu Evangelho e nos Atos).

Conta-se que produziu 72 ícones que entregou aos 72 discípulos do Senhor, dos quais fazia parte. A tradição também identificou muitos desses ícones que seriam cópias, herdeiros da graça de uma imagem original, ícones da Virgem como o de Czestochowa, que se acredita estar pintado no tampo da mesa da casa de Nazaré, e *Salus Populi Romani*, que teria sido pintado em parte do tampo da mesa da última ceia, pois trazem na atribuição da origem referências ao evangelista. Não queremos ignorar essa origem, pois o que levou muitos santos a venerar esses ícones seria atribuir as pinturas ao Evangelista, porém,

essas imagens hoje por si se tornaram relíquias e histórias vivas da Igreja. Os dois mencionados ícones já estão ligados às histórias de muitos papas, além da presença na vida de muitos santos.

Como a tradição eclesial atribui o número 70 de forma simbólica, sem que exista um documento histórico único com exatamente setenta nomes, listei a seguir os ícones mais famosos atribuídos a São Lucas na Grécia, Chipre, monte Athos e no resto do mundo. (*ver quadro ao lado*)

Na tradição oriental uma imagem não é pintada, mas escrita, o que nos aponta para a Palavra, a busca pela verdadeira imagem da Virgem; no fundo é a busca de trazermos ou escrever essa imagem em nós.

“Portanto, todos nós, com o rosto descoberto, refletimos a glória que vem do Senhor. Essa glória vai ficando cada vez mais brilhante e vai nos tornando cada vez mais parecidos com o Senhor, que é o Espírito.” (2Cor 3,18) ●

***Padre Reinaldo Bento** é sacerdote incardinado na Diocese de Osasco (SP).

1. *Panagia Hodegéttria* (A Condutora/Guia, o modelo original de Constantinopla).
2. *Panagia Soumela* (monte Vermio, Grécia, originalmente no Ponto).
3. *Panagia Prousiotissa* (mosteiro de Prousos, Evrytania, Grécia).
4. *Panagia* do grande mosteiro da Gruta (Mega Spilaio, Kalavryta, Grécia).
5. *Panagia de Kykkos* (mosteiro de Kykkos, Chipre).
6. *Panagia Portaitissa* (mosteiro de Ivron, monte Athos).
7. Nossa Senhora de Vladimir (galeria Tretyakov, Rússia).
8. Nossa Senhora de Częstochowa (Ícone Negro, Polónia).
9. *Salus Populi Romani* (Basilica de Santa Maria Maior, Roma).
10. *Panagia Machairiotissa* (mosteiro de Machairas, Chipre).
11. *Panagia Chrysorrogiatissa* (Paphos, Chipre).
12. *Panagia Giatissa* (A Curadora, Mani, Grécia).
13. *Panagia Eikosifoinissa* (monte Pangaio, Grécia).
14. *Panagia* de São Lucas (santuário de San Luca, Bolonha, Itália).
15. *Panagia Ateniense* (Atenas, Grécia).
16. *Panagia Megalochari* (Tinos, Grécia, modelo associado à tradição de Lucas).
17. *Panagia* do mosteiro de Grande Lavra (Monte Athos).
18. *Panagia*, a Grande (Tebas, Grécia).
19. *Panagia Phaneromeni* (Lefkada, Grécia).
20. *Panagia Tourliani* (Míconos, Grécia).
21. *Panagia Hozoviotissa* (Amorgos, Grécia).
22. *Panagia Spiliani* (Nisyros, Grécia).
23. *Panagia Myrtidiotissa* (Citera, Grécia).
24. *Panagia Gorgoepikoos* (mosteiro de Dochiariou, monte Athos).
25. *Panagia Paramythia* (mosteiro de Vatopedi, monte Athos).
26. *Panagia Pantanassa* (mosteiro de Vatopedi, monte Athos).
27. *Panagia Tricherousa* (Das Três Mãos, mosteiro de Hilandar, monte Athos).
28. *Panagia Axion Esti* (Karyes, monte Athos).
29. *Panagia Galaktotrophousa* (mosteiro de Hilandar, monte Athos).
30. *Panagia Vimatarissa* (mosteiro de Vatopedi, monte Athos).
31. *Panagia Oikonorissa* (mosteiro de Lavra, monte Athos).
32. *Panagia Pyrovolitheisa* (mosteiro de Vatopedi, monte Athos).
33. *Panagia Antiphonitria* (mosteiro de Vatopedi, monte Athos).
34. *Panagia Esphigmenitria* (Mosteiro de Esphigmenou, monte Athos).
35. *Panagia* de Fililerimos (Rodas, Grécia, atualmente em Montenegro).
36. *Panagia Tsambika* (Rodas, Grécia).
37. *Panagia Kremasti* (Rodas, Grécia).
38. *Panagia Ipseni* (Rodas, Grécia).
39. *Panagia Skiadeni* (Rodas, Grécia).
40. *Panagia Amolyntos* (A Pura, várias réplicas bizantinas).
41. *Panagia Eleousa* (A Compassiva, mosteiro de Kykkos/Estilo).
42. *Panagia Glykophilousa* (Do Doce Beijo, mosteiro de Philotheou, monte Athos).
43. *Panagia Kyriotissa* (Constantinopla, réplicas históricas).
44. *Panagia Blachernitissa* (igreja de Blachernae, Istambul).
45. *Panagia Chalcoprateia* (Constantinopla, modelos históricos).
46. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Roma, Itália).
47. *Panagia Malevi* (Arcádia, Grécia).
48. *Panagia Elona* (Arcádia, Grécia).
49. *Panagia Voulkanou* (Messênia, Grécia).
50. *Panagia Ypsili* (Samos, Grécia).
51. *Panagia Spiliani* de Samos (Samos, Grécia).
52. *Panagia Chozoviotissa* (Amorgos, Grécia).
53. *Panagia Chrysaphitissa* (Monemvasia, Grécia).
54. *Panagia Thalassini* (Andros, Grécia).
55. *Panagia Episkopi* (Santorini, Grécia).
56. *Panagia Myrtidiotissa* de Monemvasia (Grécia).
57. *Panagia Agiassotissa* (Lesbos, Grécia).
58. *Panagia* de Damasco (Malta).
59. *Panagia* do mosteiro de Marathasa (Chipre).
60. *Panagia Arakiotissa* (Lagoudera, Chipre).
61. *Panagia Podithou* (Gálata, Chipre).
62. *Panagia Asinou* (Nikitari, Chipre).
63. *Panagia* de Santa Maria in Trastevere (Roma, Itália).
64. Nossa Senhora de Impruneta (Florença, Itália).
65. Ícone de São Lucas de Santa Maria do Povo (Roma, Itália).
66. Ícone de São Lucas de Santa Maria em Cosmedin (Roma, Itália).
67. Ícone da Catedral de São Tiago (Jerusalém).
68. Ícone do mosteiro de Saidnaya (Saidnaya, Síria).
69. Ícone do mosteiro de Kaftoun (Líbano).
70. *Panagia* de Nicopeia (Basilica de São Marcos, Veneza).
71. Nossa Senhora da Consolata (santuário da Consolata, Turim, Itália).
72. Nossa Senhora de Oropa (santuário de Oropa, Biella, Itália).
73. Nossa Senhora de Crea (santuário de Crea, Serralunga de Crea, Itália).





TODINHO DE MARIA

♦ Matheus Pinheiro* ♦

Sempre acreditei que conhecer Nossa Senhora não precisa ser algo complicado. Foi com esse desejo que escrevi *Todinho de Maria*: um livro pensado para apresentar a Mãe de Jesus de forma leve, divertida, fiel à doutrina da Igreja e acessível para todas as idades.

Ao longo de oito “goles”, convido o leitor a descobrir quem é Maria, compreender os principais ensinamentos da Igreja sobre ela e responder às dúvidas mais comuns sobre a devoção mariana. E, para tornar essa experiência ainda mais especial, o livro possui aroma de chocolate, tornando a leitura também uma experiência sensorial.

Mas a aventura não termina nas páginas. Durante a leitura, você encontrará QR Codes com vídeos exclusivos, um jogo virtual e ainda poderá ter a surpresa de encontrar um ticket premiado que dá direito aos meus livros *Expli-*

cando coisas que todo católico deveria saber e *Descomplicando a Santa Missa*.

Escrevi este livro porque tenho a certeza de que Maria nunca chama a atenção para si, mas sempre aponta para Jesus. Quanto mais conhecemos a Mãe, mais nos aproximamos do Filho.

Todinho de Maria é um livro para crianças, adolescentes, jovens, famílias, catequistas e para qualquer pessoa que deseje crescer na fé de maneira simples e profunda. Minha oração é que, ao terminar essa leitura, você possa dizer de todo o coração: sou todinho de Maria, porque quero ser todinho de Jesus. ●

***Matheus Pinheiro**, mais conhecido na *internet* como

Math ou Cristocêntrico, começou sua jornada nas redes sociais em 2012, com um canal no *YouTube*. Há 12 anos, ele embarcou na aventura de evangelizar online e descobriu que milhões de jovens católicos se identificavam com o seu jeito de falar e com a maneira como vive a sua fé e religião.

VOTE COM CONSCIÊNCIA: UM COMPROMISSO COM O BEM COMUM

Em 2026, os brasileiros escolherão representantes para diferentes esferas de governo. Conhecer as atribuições de cada cargo fortalece a cidadania e a participação democrática

♦ Renata Moraes ♦



Em outubro, milhões de brasileiros voltarão às urnas para escolher os representantes que conduzirão os rumos do país nos próximos anos. Nas eleições gerais de 2026, os eleitores votarão para presidente da República, governadores, dois senadores por estado, deputados federais e deputados estaduais — ou distritais, no Distrito Federal. Mais do que um dever cívico, o voto representa um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa, democrática e solidária.

No entanto, diante de um cenário marcado pela circulação de desinformação, pela polarização política e pelo grande volume de informações compartilhadas diariamente nas redes sociais, torna-se ainda mais necessário refletir sobre o significado do voto consciente. Escolher um candidato não deve ser resultado apenas da emoção, de afinidades pessoais ou da influência de terceiros, mas de um processo de discernimento fundamentado na verdade, na responsabilidade e no compromisso com o bem comum.

Para os cristãos católicos, a participação política faz parte da vivência da fé. A Doutrina Social da Igreja recorda que a política, quando orientada pela ética e pelo serviço, é uma das formas mais elevadas de promover a caridade. Não por acaso, São Paulo VI a definiu como “uma das formas mais altas da caridade”, pois busca transformar estruturas sociais para que favoreçam a dignidade humana.

Mais recentemente, o Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, reforçou que a “melhor política” é aquela colocada a serviço da fraternidade e da promoção integral da pessoa humana. Já o Papa Leão XIV, na recente encíclica *Magnifica Humanitas*, destaca que toda ação política deve manter a pessoa humana no centro das decisões, especialmente diante dos desafios sociais, econômicos e tecnológicos do mundo contemporâneo.

Nesse contexto, compreender o papel de cada cargo eletivo é o primeiro passo para um voto responsável.

CONHEÇA AS ATRIBUIÇÕES DE CADA CARGO

É comum encontrar eleitores que atribuem responsabilidades equivocadas aos candidatos ou cobram promessas que sequer pertencem às atribuições do cargo disputado. Conhecer a função de cada representante ajuda a avaliar se as propostas apresentadas são viáveis e compatíveis com a função que ele pretende exercer.

No Poder Executivo estão os cargos de presidente da República e governador. O presidente é o chefe de Estado e de Governo. Cabe a ele administrar o país, conduzir políticas públicas nacionais, propor o Orçamento da União, sancionar ou vetar leis aprovadas pelo Congresso Nacional, nomear ministros, representar o Brasil nas relações internacionais e comandar as Forças Armadas.

Já o governador é responsável pela administração do estado, uma unidade federativa. Entre suas atribuições estão coordenar áreas como segurança pública, saúde, educação estadual, infraestrutura e transporte, além de administrar os recursos públicos estaduais e sancionar ou vetar leis aprovadas pela Assembleia Legislativa.

No Poder Legislativo, os eleitores escolherão dois senadores, deputados federais e deputados estaduais.

Os senadores representam os estados no Congresso Nacional e exercem mandato de oito anos. Além de elaborar e votar leis federais, possuem competências exclusivas, como aprovar autoridades indicadas pelo presidente da República, entre elas ministros dos tribunais superiores, e julgar processos de *impeachment* previstos na Constituição. Em 2026, excepcionalmente,



Carlos Cordeiro, integrante da Pastoral Fé e Cidadania da Região Brasilândia.

cada eleitor votará em dois candidatos ao Senado, já que dois terços das cadeiras da Casa serão renovados.

Os deputados federais representam a população de seus estados na Câmara dos Deputados. São responsáveis por elaborar leis federais, fiscalizar o Poder Executivo, aprovar o Orçamento da União e participar de comissões e investigações parlamentares. Já os deputados estaduais atuam nas Assembleias Legislativas, elaborando leis estaduais, fiscalizando a administração do governador, votando o orçamento do estado e propondo políticas públicas voltadas às necessidades da população local.

Entender essas diferenças permite que o eleitor avalie as propostas apresentadas durante a campanha e reconheça quando determinado candidato promete realizar ações que, na prática, não pertencem às competências do cargo que pretende ocupar.

FÉ, CIDADANIA E COMPROMISSO COM O BEM COMUM

Para o economista Carlos Cordeiro, integrante da Pastoral Fé e Cidadania da Região Brasilândia, votar conscientemente é uma consequência natural da vivência cristã.

“O voto consciente é uma das maiores expressões da cidadania e do compromisso cristão com a construção do bem comum. A fé cristã não pode ser vivida apenas no âmbito pessoal ou dentro das igrejas; ela também nos chama à responsabilidade com a sociedade, especialmen-

te com os mais pobres, com os excluídos e com aqueles que mais sofrem as consequências das desigualdades.”

Carlos destaca que as escolhas feitas nas urnas impactam diretamente a vida cotidiana da população, sobretudo nas periferias. Como exemplo, cita a realidade da Brasilândia, região que enfrenta desafios históricos relacionados à habitação, à educação, ao acesso aos serviços públicos e à desigualdade social. “O Brasil figura entre as maiores economias do mundo, mas continua convivendo com profundas desigualdades. Isso exige do eleitor uma reflexão séria sobre quais propostas realmente contribuem para reduzir essas diferenças e promover políticas públicas voltadas à dignidade da população”, afirma.

Votar também significa assumir o compromisso de acompanhar, posteriormente, a atuação dos eleitos, fiscalizando mandatos e cobrando coerência entre promessas e ações. Se conhecer as atribuições dos cargos é um passo importante para o voto consciente, saber distinguir informação verdadeira de conteúdos manipulados tornou-se um desafio igualmente decisivo nas eleições contemporâneas. A rapidez com que as notícias circulam nas redes sociais, muitas vezes impulsionadas por algoritmos, inteligência artificial e perfis automatizados, exige do eleitor uma postura ainda mais crítica.

Cordeiro observa que o ambiente digital ampliou o acesso à informação, mas também facilitou a disseminação de notícias falsas, discursos de ódio e narrativas que pouco contribuem para o debate democrático.

“O compromisso do cristão deve ser sempre com a verdade. Muitas vezes, recebemos uma mensagem e a compartilhamos sem verificar sua veracidade, apenas porque favorece um candidato de nossa preferência ou prejudica outro. Essa atitude não está em sintonia com o Evangelho.” O economista também alerta para outro fenômeno observado nos últimos processos eleitorais: a utilização da religião como instrumento de disputa política. É preciso discernir quando a fé é vivida como serviço ao próximo e quando passa a ser utilizada apenas como estratégia para conquistar votos ou dividir a sociedade. “Nem toda mensagem que utiliza linguagem religiosa expressa, necessariamente, os valores do Evangelho”, ressalta.

A POLÍTICA COMO EXPRESSÃO DA CARIDADE

Para a coordenadora da Pastoral Fé e Política da Arquidiocese de São Paulo e da Escola Fé e Política Waldemar Rossi,



Márcia Mathias de Castro - coordenadora da Pastoral Fé e Política da Arquidiocese de São Paulo e da Escola Fé e Política Waldemar Rossi.

demar Rossi, Márcia Mathias de Castro, compreender a política como dimensão da missão cristã continua sendo um dos grandes desafios da Igreja.

A participação política nasce do próprio Evangelho e do compromisso com a promoção da vida. “A política é o caminho para o bem comum e ‘uma das formas mais altas da caridade’, como nos disse o Papa Paulo VI.”

A coordenadora explica que essa caridade vai muito além da assistência imediata. “A caridade política visa à promoção da vida dessas pessoas para a condição de dignidade.

A transformação social acontece quando a pessoa humana é colocada no centro das decisões políticas, e não os interesses econômicos”, enfatiza.

Inspirada na Doutrina Social da Igreja, a Pastoral Fé e Política procura formar cidadãos capazes de compreender que a democracia não se resume ao ato de votar. “A Constituição afirma que o poder pertence ao povo e pode ser exercido diretamente ou por meio de seus representantes. Por isso, participar da vida pública também faz parte da responsabilidade cristã.”

A missão da Pastoral está fundamentada no anúncio de Jesus Cristo, que veio “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Isso significa trabalhar para que todas as pessoas tenham acesso aos direitos fundamentais, como moradia, educação, saúde, trabalho, cultura, mobilidade e lazer.

FORMAÇÃO PARA UMA CIDADANIA COMPROMETIDA

Há 14 anos, a Escola Fé e Política Waldemar Rossi, da Arquidiocese de São Paulo, promove a formação de lideranças leigas inspirada na Doutrina Social da Igreja. Entre os princípios trabalhados estão o bem comum, a solidariedade, a subsidiariedade e a justiça social.

Para Márcia, um dos principais desafios é despertar nos cristãos o interesse pela formação política. “Viver a fé dentro da igreja é difícil; viver fora, na busca do bem comum, é mais difícil, uma vez que exige formação, reflexão, encontro, oração e participação nos diversos espaços. Seguir Jesus Cristo implica uma decisão, um caminho que é ético, que busca o bem de todos, do coletivo. Implica renunciar a interesses pessoais e colocar-se a serviço do que é melhor para o coletivo.”

E completa: “O critério parte dos pobres, daqueles que estão excluídos do acesso aos direitos básicos e, portanto, da vida com dignidade.”

Outro obstáculo apontado pela coordenadora é a dificuldade do diálogo em uma sociedade profundamente polarizada, na qual a cultura do confronto tem substituído a cultura do encontro. “Quem pensa diferente não é inimigo. O diálogo amplia nossos horizontes e nos ajuda a compreender outras realidades. Podemos concordar ou discordar com respeito, sem jamais desumanizar o outro.”

Ao refletir sobre a participação dos cristãos na vida pública, Márcia recorda que a encíclica Fratelli Tutti, publicada pelo Papa Francisco em 2020, permanece uma das mais importantes referências para compreender o papel da política na construção de uma sociedade mais fraterna. O documento apresenta um forte convite para superar a lógica da polarização, do individualismo e dos interesses particulares, propondo uma política voltada para o serviço, o diálogo e a promoção da dignidade humana.

“O Papa Francisco nos chamou à amizade social, a um amor que ultrapassa as barreiras geográficas, culturais e ideológicas. A política não deve estar submetida apenas aos interesses econômicos, mas deve colocar a pessoa humana no centro de todas as decisões.”

Em um tempo marcado por desafios sociais, econômicos, ambientais e culturais, o convite permanece atual: parar, pensar e escutar. Escutar a realidade, os clamores dos mais vulneráveis, a verdade dos fatos e a própria consciência. Somente assim, o voto deixa de ser um gesto isolado para tornar-se uma expressão concreta de responsabilidade cidadã e de esperança na construção de um Brasil mais justo, fraterno e comprometido com a vida.●

ANTES DE VOTAR, CONFIRA!

O voto consciente também exige cuidado com as informações que chegam até você. Antes de decidir ou compartilhar um conteúdo sobre as eleições:

- Verifique a fonte da informação;
- desconfie de mensagens sem autoria ou com tom alarmista;
- consulte mais de uma fonte confiável;
- pesquise a trajetória e as propostas dos candidatos;
- não compartilhe informações sem confirmar se são verdadeiras.

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”
(Jo 8,32)



COMO PRESERVAR VOZES E ROSTOS?

O REGISTRO E O RESGATE DA MEMÓRIA PELA PASCOM

♦ Fabiano Fachini* ♦

Vivemos em uma época em que tudo é registrado, mas pouca coisa permanece. Produzimos milhares de fotografias, vídeos e mensagens todos os dias na Igreja, porém, com a mesma rapidez com que são publicados, também desaparecem das redes sociais e dos nossos celulares.

Na Igreja, essa realidade nos convida a uma reflexão importante. A comunicação não existe apenas para divulgar eventos. Ela também tem a missão de preservar a memória da comunidade e da fé.

Na mensagem para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Leão XIV recorda que é preciso “preservar vozes e rostos humanos”, para que a comunicação continue sendo expressão da dignidade da pessoa e da ação de Deus na história. Essa também é uma missão da PASCOM.

Cada comunidade carrega uma riqueza que não pode ser perdida: histórias de con-

Imagem: speed300 / Adobe Stock

A fotografia vai muito além de registrar um evento. Ela registra pessoas. Registra um abraço depois da missa, o olhar emocionado de uma família durante um batizado, a alegria de uma criança na catequese ou o silêncio de alguém diante do Santíssimo. São imagens que contam a história da comunidade. Vale a pena construir um banco de imagens organizado, identificando pessoas, datas e locais. De nada adianta encontrar uma fotografia daqui a trinta anos se ninguém souber quem aparece nela, quando foi feita ou qual história ela estava contando.

E o áudio? Muitas vezes, ele passa despercebido — e até incomoda quando os áudios são muito longos no *WhatsApp*. Mas existe algo profundamente humano na voz. Muitas vezes, esquecemos uma fotografia, mas dificilmente esquecemos a voz de alguém que marcou nossa caminhada de fé. Registrar depoimentos, entrevistas, histórias de

A escrita continua sendo um dos instrumentos mais importantes para conservar a memória da Igreja. Artigos, entrevistas, reportagens, notícias, relatos, biografias, crônicas e testemunhos ajudam a contar aquilo que nenhuma fotografia consegue explicar completamente. Toda comunidade possui histórias que merecem ser registradas antes que se percam com o tempo.

Por isso, cuidar do acervo da paróquia também faz parte da evangelização e da missão da PASCOM. Organizar fotografias, identificar nomes, datas e

Imagine alguém, daqui a cinquenta anos, procurando uma fotografia para organizar o centenário da paróquia. Ou um paroquiano desejando ouvir novamente a voz daquele pároco que contribuiu para a sua conversão. Talvez um pesquisador queira reconstruir a história da comunidade ou uma família procure a imagem de um ente querido servindo na liturgia.

Guardar vozes e rostos é muito mais do que organizar arquivos. É cuidar da memória viva da Igreja. Talvez, daqui a cinquenta anos, alguém encontre uma fotografia feita pela PASCOM e descubra ali o rosto de um avô, de uma catequista ou de um padre que já partiu para o Céu. Naquele instante, aquela imagem deixará de ser apenas um arquivo. Ela voltará a ser memória, gratidão e evangelização. ●

Revista Ave Maria | Agosto, 2026 • 39

DEUS NOS CHAMA PELO NOME

"SAMUEL, SAMUEL! ELE RESPONDEU:
'FALA, SENHOR, TEU SERVO ESCUTA.'
(1SM 3,10)

"GUARDA O TEU CORAÇÃO, PORQUE
DELE BROTAM AS FONTES DA VIDA."
(PR 4,23)

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

Antes que a agitação do dia tome conta dos pensamentos e do tempo, alguém se senta à beira da cama e respira fundo. Ainda não organizou as tarefas, não assumiu os papéis que deverá desempenhar nem respondeu às expectativas que o aguardam. Por alguns instantes, tudo parece suspenso diante daquele corpo cansado que tenta despertar por inteiro e assimilar o que foi sonho e o que é realidade.

Talvez seja o cansaço acumulado. Talvez seja a alma pedindo espaço antes de ser novamente tomada pelas urgências. Nesse intervalo entre o sono e a vida que recomeça, uma pergunta bate suavemente à porta do coração: há quanto tempo não escuto o que Deus tenta dizer em mim?

Agosto, mês vocacional, oferece-nos essa oportunidade. Não apenas para pensarmos nas vocações sacerdotais e religiosas, tão belas e necessárias à

Igreja, mas para perguntarmos pelo sentido de nossa existência, pelo lugar que ocupamos no mundo e pela maneira como respondemos ao amor de Deus.

Vocação não é somente escolher um estado de vida, é descobrir para quem e para que as nossas vidas se entregam.

Vivemos num tempo de muita agitação e pouca escuta. Há vozes que cobram, comparam e impõem padrões de sucesso. Há também ruídos interiores: medos, culpas, inseguranças, necessidade de reconhecimento e receio de não corresponder às expectativas. Às vezes, o maior barulho não vem de fora, vem de dentro.

Nesse emaranhado, podemos desaprender a escutar Deus. Não porque Ele tenha deixado de chamar, mas porque nossos corações estão ocupados demais para reconhecer sua voz.

A história de Samuel ilumina esse caminho. Durante a noite, o menino ouve alguém chamá-lo pelo nome: "Samuel, Samuel". Pensando que fosse Eli, levanta-se e vai ao encontro do sacerdote. Isso se repete. Samuel escuta, mas ainda não reconhece. Com a ajuda de Eli, aprende a responder: "Fala, Senhor, teu servo escuta" (1Sm 3,10).

Deus chama pelo nome, mas respeita o tempo de Samuel. Não o força nem o envergonha por não compreender de imediato. Chama novamente, espera e coloca ao seu lado alguém capaz de ajudá-lo a discernir.

Assim também acontece conosco. Nem sempre reconhecemos a voz de Deus na primeira vez. Podemos confundir-la com medo, obrigação, desejo pessoal ou expectativa alheia, por isso, a vocação necessita de silêncio, oração, acompanhamento, comunidade e tempo. Precisa de interioridade e de pessoas que, como Eli, ajudem-nos a reconhecer o chamado de Deus.

O Papa Leão XIV tem recordado que a vocação nasce no mais profundo do coração, como descoberta de um dom gratuito que Deus faz florescer em nós. Não é imposição nem destino fechado, é encontro, diálogo e resposta de amor. A interioridade, portanto, não é fuga do mundo, mas o lugar onde a vida reencontra sua fonte. Quem guarda o coração volta à realidade com maior inteireza.

Sobre traçar novos mapas de esperança, o Papa afirma que os jovens desejam profundidade e preci-

sam de espaços de silêncio, discernimento e diálogo com Deus. Essa necessidade também alcança os adultos. Quantas pessoas passam anos cumprindo tarefas e sustentando responsabilidades, mas já não perguntam o que Deus deseja fazer florescer em suas vidas? Continuam caminhando, mas perderam o sentido do caminho.

Falar de vocação é, portanto, falar do modo como Deus nos chama a amar. Existe a vocação de quem educa, cuida de uma pessoa enferma, constitui família, trabalha com honestidade, serve à comunidade, consagra-se ao Reino ou permanece fiel em tarefas pequenas e quase invisíveis.

Toda vocação verdadeira nasce do amor e se concretiza no serviço. Sem serviço, o chamado transforma-se em vaidade. Sem amor, a missão torna-se peso. Sem escuta, corremos o risco de confundir nossos desejos com a vontade de Deus.

Jesus também chamou pelo nome. Chamou Pedro e André à beira do lago, Mateus na coletoria, Zaqueu sobre uma árvore e Maria Madalena no jardim da ressurreição. O chamado de Jesus nunca fecha a pessoa em si mesma, ele a coloca a caminho, na direção do cuidado, da misericórdia, da justiça e do anúncio do Reino.

Talvez a principal pergunta vocacional não seja “O que eu quero ser?”, mas “Onde Deus me chama a amar mais?”. Essa pergunta retira a vocação do campo da aparência e a devolve ao campo da entrega. A vida não é apenas carreira, produtividade ou reconhecimento, a vida é resposta, é dom recebido e devolvido em forma de serviço.

Neste mês vocacional, tenhamos coragem de silenciar, levantar o olhar e escutar a vida com reverência. Talvez a resposta não venha imediatamente. Talvez chegue aos poucos, como a luz entrando pela janela, o café perfumando a casa ou a semente germinando escondida na terra, mas Deus continua chamando e chama cada pessoa pelo nome.

Senhor, ensina-nos a escutar. No meio dos medos, dá-nos confiança. No meio das dúvidas, concede-nos discernimento. Ajuda-nos a reconhecer tua voz nos encontros que nos humanizam, nas dores do mundo que pedem cuidado e nos dons que colocaste em nós. Dá-nos coragem para responder, humildade para caminhar e generosidade para transformar a vida em serviço. Amém. ●

Imagem: andraniktzj / Adobe Stock

QUEM CUIDA PRECISA DE CUIDADOS

O DESAFIO DOS PADRES PARA CUMPRIR O
MINISTÉRIO E MANTER A SAÚDE MENTAL

♦ Nayá Fernandes ♦

Em uma sociedade marcada pela velocidade, pela hiperconectividade e por demandas cada vez mais complexas, o sacerdote continua sendo procurado como alguém que escuta, consola, aconselha e acompanha. Para muitos fiéis, ele é a presença da Igreja nas alegrias e nas dores da vida: está no Batismo, no casamento, na doença, no luto e nas crises familiares. Entretanto, raramente, as pessoas se perguntam quem cuida daquele que dedica a própria existência ao cuidado dos outros.



A saúde mental dos presbíteros deixou de ser um tema periférico para tornar-se uma preocupação pastoral urgente. O aumento das responsabilidades administrativas, a diminuição do número de vocações, a ampliação das exigências sociais e a solidão que frequentemente acompanha o ministério exigem da Igreja uma reflexão profunda sobre o cuidado integral daqueles que receberam a missão de servir ao povo de Deus.

Para o Padre Edelcio Ottaviani, doutor em Filosofia, mestre em Teologia e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), compreender esse desafio exige olhar, antes de tudo, para as transformações do mundo contemporâneo. Segundo ele, a realidade pastoral mudou profundamente na última década e continuará mudando com o avanço das tecnologias.

Essa constatação conduz a uma reflexão mais profunda sobre a missão sacerdotal. Para Padre Edelcio, o maior desafio do presbítero não é simplesmente administrar uma paróquia ou organizar atividades pastorais, mas permanecer fiel à espiritualidade de Jesus Cristo. Isso significa discernir continuamente aquilo que promove a dignidade humana daquilo que produz exclusão e opressão. “O Evangelho”, recorda ele, “nunca foi neutro diante das injustiças”.

Segundo o teólogo, existe sempre a tentação de acomodar-se às estruturas de poder, ao medo ou aos interesses econômicos. “Quando isso acontece, corre-se o risco de reduzir a missão da Igreja a uma prática religiosa desvinculada do compromisso com os pobres, com a justiça e com a libertação integral da pessoa humana. A saúde espiritual do sacerdote, portanto, está profundamente ligada à coerência entre aquilo que anuncia e aquilo que vive”, diz.

Ao analisar a realidade eclesial brasileira, Padre Edelcio identifica outro elemento que

repercute diretamente sobre a vida dos presbíteros. Em sua avaliação, ao longo das últimas décadas muitas comunidades reduziram o investimento na formação permanente dos leigos e passaram a concentrar excessivamente as decisões nas mãos dos padres. “Essa centralização, além de fortalecer o clericalismo, aumentou significativamente o peso que recai sobre cada sacerdote”, complementa.

RESPONSABILIDADE COLETIVA

Em vez de comunidades corresponsáveis, capazes de compartilhar responsabilidades, muitos padres passaram a acumular funções litúrgicas, pastorais, administrativas, jurídicas e financeiras. “O resultado é um ministério



Imagem: Arquivo Pessoal

Padre Edelcio Ottaviani.

exercido frequentemente sob intensa pressão e marcado pelo cansaço permanente. Para o sacerdote, recuperar uma Igreja mais participativa não representa apenas uma escolha pastoral, mas também uma necessidade para preservar a saúde daqueles que nela servem”, afirma Padre Edelcio.

Essa percepção encontra eco na experiência clínica da psicóloga Milena Elizabeth Biliu do Vale, membro do Instituto Auxilium, dedicado ao acolhimento do ministério sacerdotal. Ela observa que o padre precisa administrar expectativas muito diferentes dentro da pró-



Imagem: Arquivo Pessoal

Milena Elizabeth Biliu do Vale.

pria comunidade. Cabe-lhe mediar conflitos, harmonizar opiniões divergentes, lidar com comparações em relação a administradores anteriores e construir vínculos afetivos sólidos com centenas ou milhares de pessoas.

Segundo a psicóloga, esse processo exige enorme investimento emocional e frequen-

temente produz sentimentos de solidão e exaustão. “Embora seja visto como referência espiritual para todos, o sacerdote também necessita de uma rede de apoio onde possa ser acolhido em suas próprias fragilidades. Reconhecer que os padres são seres humanos, com limites e necessidades, é condição indispensável para que possam exercer seu ministério de maneira saudável”, explica ela.

“Lideranças marcadas pela proximidade geram confiança e fortalecimento interior. Já ambientes baseados apenas na cobrança podem favorecer o esgotamento emocional. Quando a redução das vocações se soma ao aumento das demandas pastorais e ao distanciamento dos superiores, cresce o risco de estresse, burnout, depressão e até pensamentos suicidas”, observa.

Por isso, Padre Edelcio acredita que o caminho proposto pela sinodalidade representa muito mais do que uma nova metodologia pastoral. Inspirada e fortalecida pelo Papa Francisco, a caminhada sinodal oferece um verdadeiro antídoto contra o isolamento. Para ele, caminhar juntos significa cultivar relações marcadas pela escuta, pela comunhão, pela corresponsabilidade e pela caridade pastoral, substituindo disputas de poder por relações fraternas capazes de sustentar aqueles que dedicam a vida ao serviço do Evangelho.

SANTIDADE X ESGOTAMENTO

A psicóloga e religiosa Irmã Veridiana Kiss reforça essa compreensão ao recordar que a Igreja sempre ensinou a importância do cuidado integral do sacerdote. Documentos fundamentais, como a Exortação apostólica *Pastores Dabo Vobis* e a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, insistem numa formação permanente que une as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral. Como frequentemente recordava o Papa Francisco, o padre não pode reduzir sua identidade ao

ativismo; antes de ser administrador ou gestor ele é discípulo de Cristo.

A formação humana, nesse sentido, não aparece como elemento secundário, mas como condição para que a graça encontre uma personalidade integrada. Irmã Veridiana observa que oração, descanso, maturidade afetiva, vínculos fraternos e acompanhamento psicológico não competem entre si; ao contrário, fortalecem-se mutuamente: “Um sacerdote que cuida do corpo, das emoções e da própria relação com Deus serve com mais liberdade, alegria e profundidade. Cuidar da saúde mental, portanto, não diminui a entrega ao povo, mas torna essa entrega sustentável ao longo da vida”.



Imagem: Arquivo Pessoal

Irmã Veridiana Kiss.

Essa perspectiva ajuda a desfazer um equívoco ainda presente em muitos ambientes eclesiais: imaginar que o sofrimento permanente seja um sinal de fidelidade ao Evangelho. “A tradição cristã nunca identificou santidade com esgotamento. Jesus retirava-se para rezar, descansava com os discípulos, cultivava amizades profundas e não hesitava em interromper o ritmo da missão para restaurar as forças. O equilíbrio entre missão e descanso sempre fez parte da espiritualidade cristã”, observa Irmã Veridiana.

“A comunidade que pratica a caridade santifica também o padre”, afirma Padre Edelcio. A lembrança nasce de uma experiência pessoal vivida ao lado de Dom Luciano Mendes de Almeida. Enquanto seminarista, ao acompanhá-lo como motorista, percebia que bastavam poucas horas de convivência para despertar nele um desejo ainda maior de fazer o bem. Aquela convivência transformava interiormente quem dela participava. Essa visão amplia o conceito de cuidado. Não se trata apenas de oferecer ajuda material ou preocupar-se quando o sacerdote adoece.

Milena Elizabeth Biliu chama atenção justamente para essa corresponsabilidade. Segundo ela, compreender que o sacerdote é uma pessoa antes de exercer uma função muda profundamente a maneira como os fiéis se relacionam com ele. “O padre também experimenta inseguranças, limitações, frustrações e momentos de solidão. Esperar dele uma perfeição inalcançável apenas amplia sua sobrecarga emocional”, salienta.

O VERDADEIRO CUIDADO DE SI

Quando a conversa chega ao plano pessoal, Padre Edelcio compartilha uma experiência significativa. Há muitos anos realiza análise psicológica, ainda que de forma intermitente. Para ele, existem momentos em que a pessoa simplesmente não consegue enfrentar sozinha determinados conflitos interiores, tornando le-

gítima e necessária a ajuda profissional. Além da psicoterapia, ele destaca a influência da filosofia, especialmente da noção foucaultiana do “cuidado de si”: “Longe de representar individualismo, esse conceito significa desenvolver uma atenção permanente sobre a própria maneira de viver, relacionar-se e conduzir a existência”. Padre Edelcio aproxima essa reflexão da própria vida de Jesus. A beleza de Cristo, afirma, não estava nas aparências, mas na forma como acolhia as crianças, tratava as mulheres, defendia os pobres e anunciava a paz. Cuidar de si, portanto, consiste em configurar a própria vida segundo esses gestos do Evangelho, permitindo que a humanidade seja continuamente moldada pela graça.

Irmã Veridiana insiste que a cultura do cuidado precisa começar ainda nos seminá-

rios. Para ela, não basta oferecer disciplinas sobre saúde mental, é necessário ensinar futuros sacerdotes a reconhecer emoções, estabelecer limites, cultivar amizades sacerdotais, aprender a pedir ajuda, desenvolver hábitos saudáveis, praticar atividade física, reservar tempos de descanso e integrar direção espiritual com acompanhamento psicológico sempre que necessário. A prevenção, recorda ela, é muito mais eficaz do que agir apenas quando o sofrimento já se tornou intenso. Afinal, como recorda Padre Edelcio, “Uma comunidade sadia cura aqueles que dela se aproximam. Quando essa verdade é vivida concretamente, também o sacerdote encontra nela um lugar para renovar suas forças e continuar anunciando, com alegria e esperança, o Reino de Deus”.●

No sacrifício de Cristo, o amor se revela em sua plenitude.



Esta obra trata de diversos assuntos, como: a paixão de Cristo, a conversão do coração e a superação do pecado. A reflexão é feita através de uma jornada ideal no Calvário, juntamente com Jesus, e a redescoberta do amor de Deus, que se declina de múltiplas formas, da misericórdia à graça.

CATEDRAL DA ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE (PE)

Imagem: arquioceseolindarecife.org



♦ Da Redação ♦

O Catedral da Sé, dedicada a Jesus Cristo como Salvador do Mundo, foi originalmente construída em taipa, no ano de 1540. Em 1584 o primeiro templo foi substituído por uma edificação maior, feita em alvenaria e composta por diversas capelas secundárias. A obra foi realizada por iniciativa de Frei Antônio Barreiros, terceiro bispo do Brasil.

Em 1616, Cristóvão Álvares construiu a sacristia e outras dependências anexas. Pouco tempo depois, a igreja foi elevada à dignidade de Matriz de São Salvador do Mundo. Com a criação do Bispado de Olinda, em 1676, a antiga matriz tornou-se catedral

Ao longo dos séculos, o templo passou por diversas intervenções e reformas, que modificaram significativamente sua fachada e descaracterizaram parte do estilo original. Entre 1974 e 1976, a edificação foi restaurada, recuperando, até onde foi possível, suas características arquitetônicas de transição entre o Renascimento e o Barroco, período também conhecido como Maneirismo.

A restauração integrou o Programa de Restauração das Cidades Históricas, promovido pelo governo federal em parceria com a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe).

Na capela-mor encontram-se o trono episcopal e outras cadeiras cuidadosamente trabalhadas em jacarandá. O espaço também abriga os restos mortais de antigos bispos, dentre eles Dom Mathias de Figueiredo e Mello, sepultado em uma sepultura rasa, e Dom Francisco Xavier Aranha e Dom João da Purificação Marques Perdigão, cujos jazigos estão localizados nas paredes.

Na catedral também está o túmulo de Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife (PE) entre 1964 e 1985, reconhecido por sua atuação pastoral e pela defesa da dignidade humana.

Além de sua importância religiosa, histórica e arquitetônica, a Catedral da Sé Metropolitana possui um terraço de onde se pode contemplar uma das mais belas vistas das cidades-irmãs de Olinda e Recife. ●

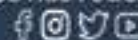
Rogai por nós:
Santa Mãe de Deus!



Este livro traz uma coleção de salmos escritos especialmente em louvor à Santíssima Virgem Mãe de Jesus e nossa. Através das palavras de São Boaventura, teólogo e Doutor da Igreja, cada um dos 150 salmos dessa obra, levam o leitor a ter um profundo amor e confiança em Nossa Senhora, e com ela, caminhar ao encontro com o Senhor.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:



Na livraria católica mais próxima de você
ou em: www.avemaria.com.br



Leão XIV: não nos esqueçamos de quem sofre e morre por causa dos conflitos

♦ Da Redação ♦

O Papa Leão XIV voltou seu pensamento para as populações atingidas pelas guerras e pelas diferentes formas de violência que continuam a causar sofrimento em várias partes do mundo. Diante da dor de tantas famílias e comunidades, o Pontífice pediu que ninguém permaneça indiferente às vítimas dos conflitos.

“Continuamos a acompanhar com preocupação o que está acontecendo em vários países dilacerados pela guerra e pela violência”, afirmou o Papa. Suas palavras recordam que, para além das disputas políticas e militares, existem pessoas que perdem a vida, enfrentam ferimentos, abandonam suas casas e convivem diariamente com o medo e a insegurança.

Leão XIV fez um apelo para que a humanidade não se acostume com as notícias de guerras nem permita que o sofrimento das vítimas seja esquecido. “Não nos esqueçamos daqueles que sofrem e morrem por causa dos conflitos”, pediu.

O Papa também destacou que a construção da paz exige compromisso concreto, diálogo e responsabilidade, no entanto, ressaltou que esse esforço deve ser sustentado pela dimensão espiritual. “Ao generoso compromisso pela paz, unamos também a nossa oração”, convidou.

A mensagem de Leão XIV reforça que rezar pela paz não significa permanecer passivo diante da violência. A oração deve despertar a consciência, alimentar a solidariedade e for-

talescer o empenho por caminhos de reconciliação. Para o Pontífice, cada pessoa é chamada a colaborar para que o ódio, a vingança e a indiferença deem lugar ao encontro e à fraternidade.

Ao recordar aqueles que sofrem e morrem em consequência das guerras, o Papa convida os cristãos e todas as pessoas de boa vontade a manter os corações atentos às dores do mundo. Seu apelo é para que o compromisso com a paz seja acompanhado por uma oração constante, capaz de sustentar a esperança e inspirar atitudes concretas em favor da vida. ●

**INTENÇÕES DE ORAÇÃO
DO SANTO PADRE
CONFIADAS À SUA REDE
MUNDIAL DE ORAÇÃO**

Evangelização na cidade

*Rezemos para que nas grandes
cidades, muitas vezes marcadas
pelo anonimato e pela solidão,
encontremos novas formas
de anunciar o Evangelho,
descobrimos caminhos
criativos para
construir comunidade.*



Imagem: Vatican News / Vatican Media



ERROS NO PROCESSO CATEQUETICO

Imagem: chachamp / Adobe Stock

Muito se debate, nos dias atuais, sobre a catequese. Dentro disso, planejar é uma necessidade; é impossível alcançar objetivos sem um verdadeiro planejamento daquilo que é preciso ser feito. Na ação catequética, não é diferente: catequizar requer conhecimento da sua realidade, dos seus interlocutores e daquilo que é próprio da vocação de catequista. Sem isso, dificilmente o processo catequético será bem-sucedido. Mas o que fazer?

A BÍBLIA NOS ENSINA A PLANEJAR:

“Quem de vós, querendo fazer uma construção, antes não se senta para calcular os gastos que são necessários, a fim de ver se tem com que acabá-la? Para que, depois que tiver lançado os alicerces e não puder acabá-la, todos os que o virem não comecem a zombar dele, dizendo: Este homem principiou a edificar, mas não pode terminar. Ou qual é o rei que, estando para guerrear com outro rei, não se senta primeiro para considerar se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil?” (cf. Lc 14, 28-31).

Tendo apresentado um breve relato do Evangelho de São Lucas, pensemos o seguinte:

Quais foram os erros e acertos do ano que passou?
Qual a qualidade do material da catequese?
Qual o nível do conhecimento da fé, de você catequista?
Como você transmite o que você conhece?
Como a família tem sido iniciada na fé juntamente com o catequizando?
Como a comunidade contribui com a Iniciação à Vida Cristã?

O novo *Diretório para a Catequese* orienta a pessoa do catequista sobre os desafios atuais, sem perder de vista a “importante consciência da reciprocidade entre o conteúdo e o método” (*Diretório*

para Catequese, n.º 179). Não basta apenas ter em mãos os subsídios da catequese; é preciso saber transmitir, promovendo uma verdadeira iniciação à vida cristã. É a partir disso que a catequese se diferencia de qualquer outro ensino, pois ela visa tornar a pessoa de Cristo conhecida, amada e levar os interlocutores a imitá-Lo.

É de fundamental importância que a pessoa do catequista esteja preparada para essa realidade. O *Diretório para a Catequese* orienta: “Os catequistas se preparem convenientemente para esta missão, de modo que conheçam plenamente a doutrina da Igreja e aprendam teórica e praticamente as leis psicológicas e as ciências pedagógicas” (*Diretório para Catequese*, n.º 114). Sem essa devida preparação antes mesmo de dar início à catequese, a iniciação à vida cristã se tornará ainda mais desafiadora.

É necessário observar, sobretudo, que todo planejamento catequético visa a iniciação integral e progressiva dos envolvidos neste processo (*Catequese Renovada*, n.º 8). Sem essa preocupação, a catequese será mais do mesmo, com os resultados que já são conhecidos por todos. Infelizmente, observa-se que a grande maioria dos catequistas está preocupada unicamente em passar apenas o conteúdo da catequese, como um ensino escolar. Essa não é unicamente a finalidade da catequese.

Em virtude dos fatos mencionados, o planejamento catequético buscará identificar os erros do passado e melhorar o processo catequético da paróquia, tornando os agentes deste ministério mais conscientes. Além disso, visa conscientizar e inserir as pastorais, movimentos e a própria comunidade na iniciação à vida cristã. Só desta forma a Iniciação à Vida Cristã acontecerá conforme orienta a Igreja. ●

***Jeciandro Pessoa** é autor do livro *Como pensar a catequese a partir da família*. Atualmente, trabalha com formação de catequista pelo projeto *Pensar Catequese*.

◆ Matheus Pinheiro* ◆



Imagem: Magnific

◆ Pe. José Alem* ◆

Jesus falava de religião falando da vida. Ele trouxe uma verdadeira e nova visão da vida, do ser humano, do próprio Deus. Mesmo nos momentos mais solenes, quando falava do amor, de Deus como Pai, de seu Reino, Jesus sempre mostrava o sentido que a vida tem a todos os que o ouviam. Falar de religião à maneira de Jesus é algo totalmente novo e renovador. Não é, de maneira alguma, transmitir simples doutrinas e normas, mas, falar da vida e do sentido que ela tem ajudando as pessoas a descobrirem o modo de encarar o mundo, a si mesmas, os outros, Deus. O que Jesus procurava não era impor uma doutrina, uma moral ou mesmo uma prática religiosa, Ele procurava esclarecer as pessoas sobre o sentido da vida. Fez isso por meio de gestos, palavras, atitudes, respostas, comportamentos, milagres, dando sua vida por amor. Procurava, antes de tudo, esclarecer as mentes e os corações das pessoas e deixava que fizessem a descoberta e dessem os passos necessários.

Todos os discursos de Jesus tratavam das questões básicas da existência humana, que estão na raiz de toda a inquietação das pessoas e na fonte de toda a religião: quem somos e de onde viemos.

Tudo o que Jesus disse e fez se refere à vida humana e suas relações com a natureza, com os semelhantes e com o mistério do transcendente. Ao falar da vida humana, Jesus fala sempre de Deus, assim como toda sua vida está voltada para o Pai, cuja vontade é seu alimento e a quem procura agradar em tudo. Jesus mostra que somente em Deus encontramos sentido para a vida. Por detrás da questão sobre o sentido da vida

está sempre presente a questão de Deus e quando Jesus falou de um Reino de Salvação, do projeto de um mundo unido, justo e de amor respondeu a outras aspirações que palpitam no espírito de todo ser humano: enfim, para onde vamos? O que estamos fazendo aqui, afinal?

Seguindo o plano de Jesus, podemos também fazer um projeto de vida procurando o seu sentido, descobrindo o seu valor. Para isso partimos das questões iniciais: quem somos e de onde viemos?

Elas nos apontam para o mistério do transcendente, que indica outra grande questão de nossa existência humana: quem é Deus? Finalmente, podemos concluir com as questões para onde vamos e o que estamos fazendo aqui. Essas são questões a que ninguém pode ficar indiferente se quiser encontrar sentido e valor para sua vida, elas marcaram a história do ser humano na sua trajetória por este mundo e todos nós, mesmo inconscientemente, buscamos suas respostas. ●





COMUNIDADES VOCACIONAIS:

ENCONTRO,
TESTEMUNHO E MISSÃO

♦ Ir. Maristela Ganassini* ♦

Entre os dias 4 e 6 de setembro de 2026, a cidade de Aparecida (SP) acolherá o 5º Congresso Vocacional do Brasil, promovido pela Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CMOVIC-CNBB), em comunhão com o Serviço de Animação Vocacional do Brasil e diversas instituições e organismos eclesiais.

Com o tema “Comunidades Vocacionais: encontro, testemunho e missão” e o lema bíblico “Perseverantes e bem unidos, partiam o pão pelas casas” (At 2,46), o Congresso reunirá representantes dos regionais da CNBB, dioceses, paróquias, comunidades, institutos de vida consagrada, seminários, movimentos, pastorais e serviços de animação vocacional de todo o país.

Torna-se cada vez mais necessário e urgente construir comunidades que promovam o encontro, sejam abertas, acolhedoras e capazes de estabelecer relações verdadeiras. É no encontro com Cristo, com a Palavra de Deus, com os irmãos e com a realidade que cada pessoa começa a reconhecer o sentido de sua existência e a descobrir a própria vocação.

Uma comunidade vocacional sabe acolher as perguntas, os sonhos, as inquietações e as fragilidades das pessoas, especialmente das juventudes. Ela oferece espa-

ços de escuta, oração, convivência, acompanhamento e discernimento, ajudando cada pessoa a compreender que sua vida é dom, chamado e missão.

As vocações são despertadas, sobretudo, pelo testemunho de pessoas e comunidades que procuram viver o Evangelho com alegria, simplicidade e coerência, tornando-se sinais concretos do amor e do chamado de Deus.

As comunidades vocacionais são, por isso, comunidades missionárias. Elas não esperam apenas que as pessoas se aproximem, mas vão ao encontro das diferentes realidades humanas. Estão presentes nas famílias, nas escolas, nas universidades, nos ambientes de trabalho, nas periferias, nos espaços juvenis e também no ambiente digital.



A missão exige criatividade, proximidade e disposição para dialogar com as transformações do mundo atual



Exige, igualmente, atenção especial às juventudes, aos seus modos de viver e comunicar a fé, às suas potencialidades, aos seus sofrimentos e às suas buscas por sentido.

O 5º Congresso Vocacional do Brasil será um espaço de oração,

formação, celebração, partilha de experiências e construção de novos caminhos para a animação vocacional. O encontro pretende fortalecer a comunhão entre os diferentes serviços, pastorais, organismos e instituições que trabalham pelas vocações no país.

Será também uma oportunidade para renovar a esperança e reafirmar que a Igreja inteira é vocacional. Ao reunir-se em Aparecida, aos pés de Nossa Senhora, o povo de Deus será convidado a escutar novamente o chamado do Senhor e a assumir a missão de formar comunidades que sejam verdadeiros lugares de encontro, testemunho e missão.

Comunidades perseverantes, unidas na oração, na partilha do pão e no serviço, são capazes de despertar respostas generosas. Quando cada pessoa batizada assume sua vocação e ajuda outras a discernirem o chamado de Deus, toda a Igreja cresce em comunhão e se torna mais viva, missionária e fecunda.

Acompanhe as novidades pelas redes sociais, no perfil @cmovic_, e baixe o aplicativo do Congresso para acompanhar toda a programação e a movimentação do encontro. ●

***Ir. Maristela Ganassini** é religiosa da Congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Atua como Assessora da Comissão Episcopal para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CMOVIC - CNBB).

DOMINAR OS IMPULSOS É CAMINHO SEGURO PARA NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO!

♦ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães* ♦

O nono mandamento da Lei de Deus trata sobre “não desejar a mulher do próximo”. Para que isso não aconteça, é necessário que os solteiros e os casados dominem os seus impulsos e, dessa forma, caminhem em conformidade com as orientações divinas e, conseqüentemente, tenham uma vida ordenada.

Viver a ordem na vida é viver de acordo com as regras. Os mandamentos são leis que devem ser cumpri-

Imagem: ser livre / Adobe Stock

das não letra por letra, conforme condena a Sagrada Escritura, mas, sim, a letra pelo espírito, isto é, o cumprimento da lei com o coração, a fim de que se enxergue nelas a vida em plenitude, dado que quem segue as regras tem sempre a vida preservada; quem não as segue tem a vida ameaçada.



Esse mandamento faz a pessoa refletir sobre a concupiscência da carne, ou seja, sobre a proibição dos desejos para com a mulher alheia



Diz o *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2516, que o homem vive uma constante luta entre a carne e o espírito: “No homem, porque é um ser integrado de espírito e corpo, já existe uma certa tensão. Trava-se nele uma certa luta de tendências entre o ‘espírito’ e a ‘carne’. Mas esta luta, de fato, faz parte da herança do pecado, é uma consequência dele e, ao mesmo tempo, uma sua confirmação. Faz parte da experiência quotidiana do combate espiritual”, assegura o *Catecismo*. Daí ser preciso, todos os dias, o homem refletir sobre o que o move, se são os desejos da carne ou os do espírito. Essa é uma luta constante, de todos os dias, e que não deve ser desconsiderada.

Quando a pessoa reza, de antemão, já está almejando viver segundo o espírito e não segundo a carne. No entanto, é preciso que, pela oração, o homem — e, quando se diz homem, entenda-se também a mulher — administre os seus desejos, incluindo os desejos da carne, de modo que venha a ter o controle de seus impulsos. Para isso, é mais que necessária a vivência da virtude da temperança. “A temperança é a virtude moral que modera a atração dos prazeres e proporciona o equilíbrio no uso dos bens criados. Assegura o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos nos limites da honestidade. A pessoa temperante orienta para o bem os apetites sensíveis, guarda uma sã discricção e não se deixa arrastar pelas paixões do coração”, afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1809.

Certamente, algum jovem deve se perguntar: como viver a temperança? É viver com juízo, refletindo sobre suas inclinações, seus limites humanos

e buscando, por meio da oração, esse equilíbrio, essa têmpera. Veja o que disse o Papa Francisco na *Audiência Geral de 17 de abril de 2024*: “Em relação aos prazeres, a pessoa temperante age com juízo. O livre curso dos impulsos e a total licença concedida aos prazeres acabam por se virar contra nós próprios, levando-nos a precipitar num estado de tédio. Quantas pessoas que quiseram experimentar tudo vorazmente acabaram por perder o gosto por tudo! Então, é melhor procurar a medida certa: por exemplo, para apreciar um bom vinho, é melhor saboreá-lo em pequenos goles do que engoli-lo de uma só vez. Todos nós sabemos isto”. É, de fato, agir com juízo, e não pelo impulso. É preciso parar e refletir antes de ser dominado pela emoção do impulso. Por exemplo: você sentiu atração por uma mulher casada? Pare e pense: é casada! Se você tiver algum relacionamento com ela, além de ferir esse mandamento, estará cometendo adultério e, além do mais, trazendo consequências muito sérias para a sua vida, para a dela e para a do esposo dela. Você almeja entrar numa confusão dessas? Certamente não! Então, pare, pense e fuja da ocasião de pecado!

É válido lembrar que esse mandamento deve ser posto em prática tanto por pessoas solteiras quanto por pessoas casadas. Quando se diz “não desejar a mulher do próximo”, entende-se que um homem casado não pode desejar outra mulher e que o homem solteiro não pode desejar uma mulher já comprometida. O solteiro, por sua vez, incluindo o jovem, deve pensar em seguir o curso normal da vida afetiva: escolher uma mulher solteira para namorar, depois noivar e, por último, casar. Já o homem casado deve levar em consideração a promessa que fez à sua esposa no dia de seu Matrimônio: “Te prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida”.

O homem e a mulher que desejam viver segundo os planos de Deus, isto é, segundo os mandamentos, rezam e, pela virtude da temperança, administram os seus desejos carnaís, de tal modo que não desejem uma pessoa já comprometida. Sendo assim, estarão em paz consigo mesmos e com os outros e terão uma vida plena, sem peso na consciência e sem estarem inseridos em confusões. Por isso, pare e pense: “Não desejar a mulher do próximo!”. Eis a questão! ●

COMO ENCONTRAR EQUILÍBRIO

◆ Da Redação ◆

O avanço da tecnologia transformou a forma como trabalhamos, comunicamos-nos e buscamos informação. No entanto, o uso excessivo de *smartphones*, redes sociais e outros dispositivos digitais também tem provocado impactos importantes na saúde mental. Quando a conexão ocupa grande parte do dia e interfere no sono, nos relacionamentos e nas atividades cotidianas, pode ser sinal de dependência digital.

O uso descontrolado das telas pode contribuir para o aumento da ansiedade, do estresse, da irritabilidade e até de sintomas depressivos. Nas redes sociais, a exposição constante à vida de outras pessoas favorece comparações, inseguranças e sentimentos de inadequação. A busca por curtidas, comentários e aprovação também pode criar um ciclo de recompensa, levando o usuário a verificar o celular repetidamente.

Outro impacto significativo está relacionado ao sono. O uso de celulares e computadores antes de dormir pode dificultar o descanso e comprometer sua qualidade. Como consequência, surgem cansaço, perda de concentração, alterações de humor e queda de produtividade.

Embora facilite o contato entre pessoas distantes, a tecnologia também pode favorecer o isolamento

quando substituí os encontros presenciais. Aos poucos, momentos em família, conversas e atividades de lazer podem perder espaço para o uso contínuo dos dispositivos.

Alguns sinais merecem atenção: ansiedade ao ficar sem o celular, dificuldade de se desconectar, perda de produtividade, abandono de tarefas importantes, irritação quando o uso é interrompido e redução do interesse por atividades fora das telas. Reconhecer esses comportamentos é fundamental para evitar que o problema se agrave.

A tecnologia, porém, não precisa ser vista como inimiga. Ela oferece acesso à informação, aproxima pessoas e disponibiliza recursos importantes, como aplicativos de meditação, acompanhamento do tempo de tela e terapia on-line. O desafio está em utilizá-la com consciência e equilíbrio

Estabelecer horários para acessar redes sociais, evitar o celular durante as refeições e criar am-



bientes livres de tecnologia são atitudes simples e eficazes. Também é importante reservar tempo para atividades off-line, como ler, praticar exercícios, cozinhar, conversar ou estar ao ar livre.

Em casos nos quais o uso da tecnologia provoca sofrimento, prejudica os relacionamentos ou interfere nas responsabilidades diárias, pode ser necessário buscar ajuda profissional. Psicólogos e outros especialistas podem auxiliar na identificação das causas da dependência e na construção de hábitos mais saudáveis.

Viver bem na era digital não significa abandonar a tecnologia, mas aprender a usá-la sem permitir que ela controle a rotina. Estabelecer limites, valorizar os momentos presenciais e cuidar da mente são passos fundamentais para construir uma relação mais saudável, consciente e produtiva com o mundo conectado. ●

FAMÍLIA, TORNA-TE AQUILO QUE ÉS:

SUPERANDO A
MURMURAÇÃO E
O VITIMISMO NAS
RELAÇÕES FAMILIARES

♦ Pe. Rodolfo Faria ♦

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, o mês de agosto é marcado pela celebração das inúmeras vocações, entre elas, a vocação familiar. Nesse contexto, a Semana Nacional da Família de 2026 propõe o tema “Família, torna-te aquilo que és” e o lema “O amor jamais acabará” (1Cor 13,8). A partir dessa proposta, quero convidar o leitor a meditar sobre alguns dos novos desafios enfrentados pelas famílias, especialmente a superação da murmuração e do vitimismo.

A murmuração e o vitimismo são atitudes muito presentes na vida humana. Surgem, principalmente, em momentos de dificuldades e sofrimentos ou, simplesmente, quando as coisas não acontecem conforme havíamos planejado. Normalmente, manifestam-se por meio de reclamações constantes, críticas, desânimo ou insatisfação diante das dificuldades. Lembremo-nos, porém, de que o próprio Jesus já dizia: “Nesse mundo terei aflições” (Jo 16,33).

Na Sagrada Escritura, vemos que um dos pecados mais frequentes do povo de Israel durante a caminhada pelo deserto foi justamente a murmuração. Em Êxodo (16,2-8), mesmo após presenciar os prodígios de Deus na libertação

Em Números (14,1-11), diante do desafio de entrar na Terra Prometida, o povo novamente reclama e demonstra falta de confiança na promessa de Deus. O medo tomou o lugar da fé, e a murmuração contaminou toda a comunidade. Isso nos ensina que nossas palavras têm força para edificar ou destruir. Uma pessoa que vive reclamando espalha desânimo, enquanto aquela que confia em Deus transmite esperança.

Assim como a oração e o louvor nos aproximam de Deus, a murmuração nos afasta dele e nos conduz a realizar aquilo que o inimigo planejou

Por isso, precisamos ter muito cuidado para não permanecermos presos a atitudes de murmuração e vitimismo.

São Paulo nos exorta: “Fazei tudo sem murmurações nem discussões” (Fl 2,14), pois o cristão é chamado a ser luz no mundo, testemunhando a esperança mesmo durante as tribulações. O Catecismo da Igreja Católica ensina que Deus conduz todas as coisas com sabedoria e amor (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 302) e que a esperança sustenta o cristão nas dificuldades (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1817-1821).

São João Crisóstomo ensinava que a gratidão é a memória viva dos benefícios de Deus e que o coração agradecido permanece firme mesmo durante as provações. Santa Teresa de Calcutá testemunhava que “a alegria é oração, a alegria é força”, mostrando que quem vive unido a Cristo não permite que as dificuldades lhe roubem a paz.

A murmuração enfraquece a comunhão, espalha desânimo e impede que enxerguemos a Providência Divina. A gratidão, por sua vez, fortalece a esperança, inspira os irmãos e abre espaço para a ação do Espírito Santo.

Dentro de nossas famílias, não é diferente. Muitas vezes, ficamos desanimados e sem esperança de que algo possa melhorar. São Tiago também nos exorta a respeito da murmuração nos relacionamentos: “Tende também vós paciência e fortalecei os vossos corações. [...] Não vos queixeis uns dos outros” (Tg 5,8-9).

Precisamos permanecer fortes por meio da oração e da meditação da Palavra, buscando sempre aprender com todas as dificuldades que encontramos em nossa missão familiar. Muitas vezes, a dificuldade que Deus permitiu em sua família é exatamente o caminho por meio do qual ele deseja realizar uma obra particular em você.

Somos, portanto, convidados a vigiar nossas palavras. Antes de reclamar, façamos uma breve oração e perguntemos: “Senhor, o que queres me ensinar nesta situação?”. O louvor, mesmo em meio às provas, fortalece a fé e abre espaço para a ação de Deus.

Procuremos substituir cada reclamação por um motivo de agradecimento, lembrando-nos de que Deus continua conduzindo nossa história com amor. Que nossas palavras sejam sempre instrumentos de paz, encorajamento e fé, para que nossa família seja um lugar em que Cristo seja reconhecido por meio da confiança e da gratidão. ●



COMO TER UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL MESMO COM UMA ROTINA CORRIDA

♦ Da Redação ♦

Manter uma alimentação saudável em meio à correria do dia a dia pode parecer difícil, mas algumas escolhas simples ajudam a tornar esse cuidado mais prático. Com planejamento, preparo antecipado e atenção à qualidade dos alimentos, é possível manter refeições equilibradas, evitar o consumo excessivo de produtos industrializados e cuidar melhor da saúde.

1. COMECE O DIA COM UM CAFÉ DA MANHÃ EQUILIBRADO

O café da manhã deve incluir alimentos que forneçam energia e ajudem a prolongar a sensação de saciedade. Entre as opções práticas estão aveia, iogurte com granola, frutas frescas, torradas integrais, salada de frutas, vitaminas, ovos, queijos e tubérculos, como macaxeira, inhame e batata-doce.

2. MONTE UM ALMOÇO COMPLETO

No almoço, procure combinar carboidratos, proteínas e verduras. Restaurantes com refeições equilibradas podem ser uma alternativa, mas comer fora todos os dias costuma aumentar os gastos. Por isso, preparar a própria comida pode ser uma solução mais econômica e saudável.

3. ORGANIZE MARMITAS PARA A SEMANA

Reserve algumas horas no sábado ou no domingo para preparar as refeições dos próximos dias. Os alimentos podem ser feitos em maior quantidade, separados em porções individuais

e armazenados na geladeira ou no congelador. Assim, durante a semana, basta aquecer a refeição.

4. INCLUA SALADAS VARIADAS

As saladas também podem ser práticas e nutritivas. Além de folhas e vegetais, elas podem incluir grãos, ovos, frango, atum ou outras fontes de proteína, tornando-se uma refeição mais completa.

5. ESCOLHA LANCHES MAIS SAUDÁVEIS

Nos intervalos entre as principais refeições, dê preferência a frutas, castanhas, oleaginosas e sanduíches naturais. Essas opções ajudam a evitar o consumo frequente de biscoitos, salgadinhos e outros alimentos industrializados.

6. MANTENHA-SE HIDRATADO

A hidratação é essencial para o bom funcionamento do organismo. O ideal é beber água ao longo do dia. Sucos naturais e água de coco também podem complementar o consumo de líquidos.

7. FAÇA UM JANTAR LEVE

À noite, prefira refeições leves e nutritivas, como sopas, omeletes, pães integrais com queijo ou proteínas magras. Sempre que possível, faça o jantar cerca de três horas antes de dormir, favorecendo a digestão e um sono mais tranquilo.

Ter uma rotina corrida não significa abrir mão da saúde. Com organização e escolhas equilibradas, é possível comer bem, economizar e manter bons hábitos mesmo nos dias mais agitados. ●



◆ Pe. Flávio José Lima da Silva, sjc* ◆

Um dos frutos mais significativos que podemos colher da experiência missionária é a mudança de olhar e de compreensão acerca da missão. Essa experiência nos ajuda a perceber que a missão não consiste em oferecer respostas prontas, mas em caminhar com o povo, escutar suas histórias, reconhecer a presença de Deus em suas vidas e deixar-se transformar por esse encontro.

A convivência com as comunidades fortalece o ardor missionário e o compromisso com o Reino de Deus, além de nos impulsionar a uma vivência mais autêntica do Evangelho

nessa vivência pontual, somos provocados a escutar mais, falar menos, acolher, ser flexíveis, respeitar os processos e caminhar com humildade.

A experiência missionária amplia a compreensão de que toda missão começa com uma atitude de abertura ao outro e de disponibilidade para reconhecer Deus presente nas diferentes realidades.

Por fim, a missão realizada apresenta-se como um caminho de reencantamento pela vocação, renovação espiritual e conversão missionária. Certamente, ao retornarmos às nossas realidades cotidianas, somos chamados a promover mudanças e a cultivar um olhar transformado, levando esperança, coragem e o compromisso de testemunhar, com a própria vida consagrada, que vale a pena entregar-se à causa do Reino.

Somos igualmente chamados a continuar construindo uma Igreja em saída, próxima e comprometida com o povo, sendo testemunhas da esperança e levando a todos a alegria do Evangelho de Jesus Cristo. ●

***Padre Flávio José Lima da Silva, sjc** é sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Atua como vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, cidade-satélite do Gama (DF) e é assessor executivo das Novas Gerações e Missão Jovem na Amazônia da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).



Imagem: Reprodução/WEB

BOLO DE FUBÁ

INGREDIENTES

3 ovos
2 xícaras (chá) de açúcar
2 xícaras (chá) de fubá
3 colheres (sopa) rasas de farinha de trigo
1/2 copo (americano) de óleo
1 copo de leite
1 colher (sopa) de fermento em pó

MODO DE PREPARO

Bata todos os ingredientes no liquidificador até obter uma mistura homogênea. Despeje a massa em uma forma untada e enfarinhada. Leve o bolo de fubá ao forno preaquecido e asse por aproximadamente 40 minutos.

HAMBÚRGUER CASEIRO

INGREDIENTES

3 kg de carne moída (escolha uma carne magra e macia)
300 g de bacon moído
1 ovo
3 colheres (sopa) de farinha de trigo
30 ml de água gelada
3 colheres (sopa) de tempero caseiro feito com alho, sal, cebola, pimenta e cheiro-verde processados no liquidificador

MODO DE PREPARO

Misture bem todos os ingredientes e amasse até obter uma massa homogênea. Separe porções de 90 g a 100 g. Cubra uma bancada com plástico umedecido e modele os hambúrgueres, utilizando um aro como base. Modele um hambúrguer de cada vez e retire o aro logo em seguida. Forre uma assadeira de metal com plástico, disponha os hambúrgueres e intercale as camadas de carne com folhas de plástico, sem apertar. Faça, no máximo, quatro camadas por assadeira e leve ao congelador. Depois de congelados, retire os hambúrgueres, frite-os ou asse-os. Estão prontos para servir.



Imagem: Reprodução/WEB

FÉ E TECNOLOGIA: O FUTURO JÁ CHEGOU.



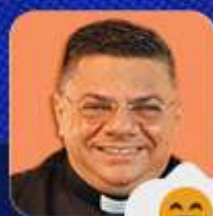
DOM EDSON ORIOLO APRESENTA
REFLEXÕES ESSENCIAIS SOBRE
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL,
EVANGELIZAÇÃO E FÉ.

ACESSE O SITE **AVEMARIA.COM.BR** E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



M
EDITORA
AVE MARIA

Para você, que decidiu que ser de Deus **não é paia!**



As principais
dúvidas da
fé católica
respondidas sem
complicação.

ACESSE O SITE AVEMARIA.COM.BR E
NOSSAS REDES SOCIAIS PARA SABER MAIS



AM
EDITORA
AVE MARIA